



Jornal da Imprensa Paulista

Casa do Jornalista de São Paulo
Fundada em 1933

Editado para a Associação Paulista de Imprensa

Edição nº 900/ Ano 75 - Fevereiro de 2009 - Rua Álvares Machado, 22 - 3º andar - Centro - São Paulo - SP - Fone: 3242-4004 Fax: 3104-3510 e-mail: redacao@jornalimprensapaulista.com.br

Confronto! São Paulo dá o exemplo na garantia da ordem...

Comandante da Polícia Militar de São Paulo, declara em entrevista exclusiva:

É função e missão da polícia: restabelecer e manter a ordem pública, permitindo que os cidadãos de bem não tenham suas vidas afetadas ou ameaçadas por criminosos de qualquer espécie. Mais que isso, o estilo de atuação policial utilizado no episódio da favela Paraisópolis, será modelo a partir daqui, pela rapidez da ação, pelo respeito aos princípios da legalidade e pelo pronto restabelecimento da ordem e da tranquilidade. Leia na pág. 6



Cobrança por uso de banheiros em terminais rodoviários poderá ser proibida

Na cidade de Marília - interior de São Paulo - liminar concedida pela Justiça suspendeu, na última semana de janeiro, a cobrança da taxa de utilização de banheiros no terminal rodoviário daquela cidade. *Leia na pág. 9*

Apenas leis não bastam para melhorar a educação

Leis temos demais o que não temos é capacidade para cumpri-las dentro das intenções dos que lhes deram forma e promulgação. Muitas delas, fabricadas em gabinetes fechados e aprovadas sem a necessária discussão daqueles que deverão cumpri-las, nunca deixam as páginas do Diário Oficial para chegar às salas de aula. *Leia na pág. 16*

Melhorar a Educação como?

Enquanto grande parte dos recursos públicos se esvai pelos ralos do desperdício e da corrupção, o professor para alcançar remuneração minimamente condigna precisa se submeter a uma carga de trabalho absolutamente estafante em todos os níveis educacionais, pouco importando se atua no ensino básico ou na graduação de universidade pública. *Leia na pág. 4*

A coisa é muita mais séria do que se pensa

Não há dúvida de que já há "filhotes" do crime organizado que estudaram às suas custas, diplomaram-se, prestaram concursos e estão por aí, "devolvendo" o que "receberam" como em um "financiamento escolar"! *Leia na pág. 5*

A quem interessa a reforma ortográfica?

A reforma ortográfica foi importante na medida em que fez com que o povo esquecesse, pelo menos temporariamente, a crise financeira internacional. Preocupadas como passarão a escrever, as pessoas nem estão percebendo o número assustador de trabalhadores que já perderam seus empregos. *Leia na pág. 11*

Jornalismo Investigativo com Percival de Souza lota auditório da API

Diante de excelente público o jornalista mostrou as razões de sua notoriedade. *Leia na pág. 12*

Eleições na API

Todos os associados independentemente de estarem em dia ou não com o pagamento de anuidades poderão votar nestas eleições. Leia na pág. 6

Palavra do presidente da A.P.I.

O VELHO, O MENINO E O BURRO...

J. B. Oliveira



A história é bem conhecida, e antiga. Fala de um velho homem – ou deveí dizer **provecto?** – incumbido de levar um burro a um povoado distante. Para não ir só, chamou seu neto adolescente para acompanhá-lo. Colocando o garoto no lombo do animal, foi à frente, puxando-o pela rédea. Ao entrarem na primeira vila, algumas pessoas (desocupadas, por sinal...) começaram a criticar:

– O que é isso! Onde foi parar nossa educação? Um jovem vigoroso montado, e o pobre velho a pé?!

Calados, cabisbaixos, trataram de sair da vista daquelas pessoas. Então, inverteram as posições. O homem idoso montou e o jovem passou a puxar o animal e assim entraram na vila seguinte. Os primeiros a vê-los foram os desocupados (mas não “de plantão”, porque esses nunca tiram serviço...):

– Que absurdo! Como se pode abusar assim de uma criança? Imagine se é possível um adulto deixar que um menor vá a pé, puxando o animal em que ele está tranqüilamente montado?

Saindo apressadamente dali, mudaram de novo. Para evitar crítica de privilégio de um sobre o outro, montaram os dois no burro. Mas não se livraram dos boquirrotos donos da verdade:

– Não acredito no que vejo! Cadê a Sociedade Protetora dos Animais que não pune esse crime? Dois marmanjos desse tamanho quase matando esse pobre e indefeso animal!

Abatidos pela nova e contundente crítica, aparam do burrinho e seguiram pé, puxando-o pela rédea. Tinham, afinal, encontrado uma forma de agradar a todos? Qual o quê! Agora veio também o deboche:

– Quem, de fato, é mais burro: o animal de montaria ou os animais que, estupidamente, o puxam?!

E foi então que decidiram deixar de ouvir babaquices dos outros. Até porque a última alternativa não era nada fácil: seria os dois levarem o burro em suas costas! Finda a história, algumas conclusões se impõem naturalmente: “É impossível agradar a todos!”. “A única pessoa que tinha condições de não desagradar a ninguém, foi crucificada!”. “Quem anda pela cabeça dos outros é piolho!”

E o que acontece em nossa API? Em parceria com as Faculdades Rio Branco, a API montou o seminário “A Assessoria de Imprensa na Atualidade”, comprometendo-se a entregar certificados aos participantes inscritos. Houve um ligeiro atraso em sua preparação. Um cricríctico (assim mesmo) desancou a API e – sem qualquer respeito ético – a própria Faculdade! Pois bem, como prometido, os certificados foram postos à disposição na secretaria da API e, até hoje, menos de 10% dos participantes foram retirar o documento! Havia razão para tanta censura e tanta pressa?

Outra crítica foi quanto a fichas de admissão de novos sócios, “acumuladas” na Presidência. Ocorre que o apresentante em todos esses casos não reunia condições estatutárias para tal. Assim reza o artigo 5º: “O ingresso dos associados na API se fará mediante proposta assinada pelo candidato e por dois associados **quites** com os **cofres sociais**...”. E o “apresentante” (o mesmo cricríctico) não está quite. Há dois anos! Em carta enviada a cada um, todos foram convidados a dirigir-se à API e regularizar sua ficha. De todos eles, apenas **dois** compareceram e já estão de posse de sua carteira!

A crítica maior, porém, tem sido feita, pela

mesma pessoa, em relação ao Jantar Solene realizado na Casa da Fazenda. Qual era o cenário? API com **toda** sua receita bloqueada por ordem judicial em razão da Ação Indenizatória movida em 2003 por Carlos Corrêa de Oliveira. Recursos e Agravos sem possibilidade de solução a curto prazo. Salários e despesas essenciais a serem pagos. **Alguém, especialmente o crítico, se dispôs a ajudar na solução do problema? Não!**

O que fazer? Dizer aos funcionários que a API não tinha dinheiro para pagá-los? Só havia um caminho: o da criatividade, da ousadia em busca de recursos financeiros, com urgência! O Projeto “Jantar Solene na Casa da Fazenda” foi montado e apresentado em reunião da diretoria. A seguir, posto em execução. E o resultado veio. Institucional e financeiramente. Com os valores obtidos, foram quitados salários e obrigações! Então, em mensagem destituída de qualquer suporte fático, alegava outro crítico estar preocupado com o salário em atraso dos funcionários...! Falta de pesquisa da verdade! Péssima mostra de jornalismo “inventivo” em lugar do investigativo! O curioso é que o outro – aquele de sempre – esteve no jantar, junto com mais um cidadão. Dos dois convites que entregaram na recepção do evento, um não tem registro de pagamento na API e apresenta diferença, em aspecto gráfico, cor e textura, do outro. O caso está sendo objeto de investigação por parte da autoridade competente. Aí, a aproximação de um novo fim de mês – agravado pelo 13º. salário para pagar – voltou a preocupar. No dia 18 de dezembro teriam início as férias forenses e o recurso não seria julgado! Nova preocupação – novas críticas – e nova saída, desta vez com apoio do CRECI, em seu jantar anual de confraternização. Unindo esforços, o evento se coroou de êxito. Vários diretores se fizeram presentes, como Osvaldo Caron, Benedicto Pereira Cortez, Adolfo Lemes Gilioli e José Augusto Viana Neto. O resultado, graças ao respaldo do CRECI, possibilitou cobrir a folha, encargos e despesas. Mas também por isso a crítica sistemática, maldosa, destrutiva, antiética veio! Em nenhum instante o cidadão se dispôs a analisar os aspectos altamente positivos do que foi feito. Nem pensou que, sem essas medidas, a API caminharia – aí sim – para o caos, deixando na rua e sem qualquer pagamento os funcionários que a servem há tanto tempo! É isso que ele objetiva? É isso que ele busca? Talvez sim, porque sua trajetória pessoal marca fracassos, despejos por falta de pagamento, ações de cobrança e que tais. E como sentenciam os latinos “*agire secto esse*” – “*o agir segue o ser*”!

Por fim, mais um fato pitoresco. Em um de seus desvarios, o crítico-mor – imaginem sua alucinação – declara: “até Paulo Maluf estará representado na próxima eleição...”(sic). E aí vem o surrealismo. Ao referir-se a Paulo Maluf, coloca assim entre parênteses: (“político de passado duvidoso”). Mas quem está falando em “passado duvidoso” tem passado duvidoso! Basta consultar os distribuidores cíveis e criminais da capital para constatar isso! Pois é, como diz a sabedoria popular “Quem tem telhado de vidro não deve jogar pedras no telhado do vizinho”.

Uma coisa é certa: se a API se deixasse influenciar pelas críticas de alguns, não poderia atender ao desejo de muitos: manter-se viva e atuante em seus 75 anos bem vividos! Graças aos que colaboram com AÇÕES.

EDITORIAL

Costa Carregosa

A recente entrada em vigor da reforma ortográfica continua provocando opiniões contraditórias por parte de educadores, intelectuais, jornalistas, escritores e historiadores. Até mesmo nas redações de grandes Órgãos de Comunicação e Imprensa o assunto ainda não está devidamente esclarecido. Muitos defendem que o momento não é de tentar unificar através da extinção de acentos e caracteres, o caráter universal da língua portuguesa, mas sim de oficializar a língua brasileira que passaria a ter vida própria, passando a forçar seu reconhecimento como vertente da língua portuguesa. Já os sociólogos entendem que a medida imposta teocraticamente à população invalida o seu caráter didático. Enfim, as opiniões divergem de maneira tal que resolvemos incluir nossos analistas na discussão através de nossas páginas, e convocamos nossos leitores para enviarem suas cartas e participar da discussão. Afinal, concordamos que medidas de tal amplitude devem ser debatidas amplamente com a população e não impostas através de Leis e decretos oriundos apenas do entendimento da tecnocracia governamental. Se gastamos milhões para promover um referendo, em todo o território nacional, sobre o desarmamento e porte de armas, que foi rejeitado pela população, porque não fazermos a mesma coisa para sabermos o que o povo pensa na mudança da língua?

Com a proximidade das eleições na **Associação Paulista de Imprensa** o debate está aberto e nosso JIP não poderia ficar alheio a importância das próximas eleições na Casa do Jornalista de São Paulo. Não se trata apenas (como pretendem alguns) de reformar o prédio e dar outro uso às suas instalações. São 75 anos de História que precisam ser reestudados, revistos, resgatados e revigorados, adequando a instituição à modernidade e características do novo milênio. Há mais de duas décadas a entidade perdeu o rumo de seus objetivos primordiais. A API não foi idealizada e nem criada para atender interesses ideológicos, políticos ou corporativos, e, muito menos, pessoais de seus dirigentes. Tanto os fundadores quanto as diretorias que contribuíram para o brilhantismo de seus melhores momentos, visaram mais que tudo, o engrandecimento do jornalismo e da Comunicação Social em São Paulo. Na API foram estudadas, criadas e desenvolvidas grande parte das principais organizações reguladoras da Comunicação Social em nosso estado, a exemplo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, criado, fundado, desenvolvido e dirigido por membros e dentro das instalações da API, até se fortalecer, transformando-se na organização forte e prestigiada que é hoje: uma das principais bandeiras da profissão.

Pregamos a união, o entendimento, pois temos absoluta convicção de que, no mundo moderno, a Comunicação Social representa não apenas um poder, mas sim uma necessidade da sociedade. Nesse contexto, o papel a ser desempenhado pelas entidades representativas envolve absoluta responsabilidade e seriedade de propósitos, ideias e ideais. Para que se possa aproveitar ao máximo o imenso potencial humano e de ideias disponível, é indispensável a união e aproximação entre todos os segmentos representativos dos vários setores da Comunicação Social. Somente com o fortalecimento e união de todos os órgãos representativos da Comunicação Social poderemos possibilitar e manter a liberdade de expressão e opinião tão decantada, mas raramente exercida em sua plenitude.

Vivemos momentos de transformações im-

portantes na vida e na história da sociedade brasileira. A API é decana da Comunicação Social e da Imprensa de São Paulo. Por um lado, não pode ficar à mercê de aventureiros inescrupulosos que visam, principalmente, utilizar seu ainda importante patrimônio institucional e físico, para dar vazão a propósitos altamente questionáveis, quando não lesivos à sociedade. Por outro, não tem mais resistência, nem fôlego para seguir caminhando conduzida por mãos inexperientes, daqueles que não conhecem os meandros, melindres e detalhes de sua história recente, ou dos anseios da nossa coletividade. Essa, na verdade, é a razão de termos constituído e apresentado a **Chapa Novos Rumos** para disputar as eleições de março, na API.

Nós conhecemos a API! Participamos ativamente de sua história recente. Por discordarmos de posições ideológicas, gerenciais e atitudes pessoais, de seus dirigentes, nos afastamos de cargos que vínhamos exercendo, deixando livre o caminho daqueles que a coletividade elegeu. Respeitamos a democracia, a legitimidade do voto, o cumprimento do mandato daqueles que mereceram a confiança dos eleitores. Por isso, nunca demos atenção ou apoiamos ideias de muitos que nos induziam a participar ou promover campanhas destinadas a remover ocupantes de mandatos presidenciais. Foi com tristeza e pesar que tomamos conhecimento do “sucateamento” de seu patrimônio físico, cultural (chegaram ao cúmulo de doar livros raríssimos da biblioteca da API; rasgaram e jogaram no lixo milhares de fichas de associados!), financeiro e social, além de suas tradições históricas, seu maior patrimônio.

Apesar de todos os erros cometidos por dirigentes que não souberam conduzir a entidade com a isenção, imparcialidade e probidade necessárias, nós reconhecemos a Associação Paulista de Imprensa como entidade representativa e organizacional dos profissionais e entidades de Imprensa no Estado de São Paulo. Esse é o espírito que nos levou a reunir, na Chapa que vamos apresentar nas eleições, alguns dos melhores profissionais de Imprensa e Comunicação Social pertencentes ao nosso quadro associativo. Sabemos que existem muitos mais, mas não podemos, em razão de um estatuto obsoleto e jurássico (que pretendemos reformar e alterar de imediato), contar com a colaboração de todos que nos prestigiam, simplesmente porque não existem quadros disponíveis. Pelo menos até procedermos à reforma e a criação de novos cargos diretivos que, de há muito, deveriam ter sido criados.

Como pode uma API – Associação Paulista de Imprensa, representativa de um segmento da sociedade com absoluto predomínio feminino, não contar com uma diretoria feminina? Diga-se de passagem que Adolfo Gilioli, com sua visão de futuro e organização, em sua gestão de poucos meses, quando presidiu a API, instituiu uma diretoria feminina e uma diretoria estudantil. Mas, ambas, foram extintas quando da retomada do poder pelo ex-presidente Carlos Correa de Oliveira. Como podemos pensar numa diretoria de informática e WEB quando não temos nem diretoria social? Que benefícios prestamos ao nosso quadro associativo? O que fizemos, nos últimos anos, pelos profissionais de Imprensa e Comunicação Social? Estas são apenas algumas das centenas de perguntas sobre erros que necessitam ser

(Continuação na página seguinte)



Tribuna Livre

(a livre opinião dos leitores)

...Acho lamentável que a discussão sobre a administração de uma entidade como a API se torne pública através da carta do secretário da diretoria, que também é Assessor da Presidência, publicada na edição de janeiro. Acho que a organização dispõe de foro muito mais apropriado (Assembléia Geral) para esse tipo de discussão, sem ferir a imagem de uma instituição hoje tão pouco reconhecida e que perdeu o brilho de outrora, exatamente por atitudes desse tipo. - Lauro D. Silveira - São Paulo - SP

...Estranhei o pronunciamento do jornalista que desfechou um ataque frontal e, a meu ver, desnecessário ao atual presidente da API. A mesma edição do Jornal informa que já no mês de março vão acontecer as eleições. Por que, ele que figura como Diretor Secretário, na atual composição, não se candidata a presidente e tenta fazer melhor que o atual? - Carlos S. Ferreira - Campinas - SP

...A experiência demonstra: Os que mais atacam e denunciam, são os primeiros a querer composição na busca de cargos. Porquê não se candidatam? - Laura G. Santana - São José dos Campos - SP

...Fez muito bem o jornalista Gilioli em republicar o artigo do Ives Gandra Martins, no Jornal da Imprensa Paulista. Quem sabe agora os maiores veículos de comunicação em todo País atentem para o perigo que cerca nossa nação, em razão do interesse dos eternos vendilhões da pátria. - Arnaldo J. Campos - Rio de Janeiro - RJ

...A crise na Faculdade UNISA denunciada pelo conhecido médico e escritor Afiz Sadi é apenas a "ponta do iceberg" do verdadeiro caos que assola a área de saúde deste País. O que se pode esperar de profissionais da Saúde que, desde os bancos escolares, tem de enfrentar uma situação dessas? - Maria A. Nascimento - São Paulo - SP

...Já não é mais um Deus nos Acuda, mas um Valha-me Deus. Em nome do "Social", criminosos perigosos receberam in-

dulto para passar o Natal com a família e cometeram crimes de homicídios contra pais de família e até contra policiais. Agora temos a notícia do julgamento do STF que determina que réus não possam ser presos até serem esgotados todos os recursos possíveis, mesmo diante do recrudescimento da violência em todo País. Recorrer a quem? - Dalmo F. Albuquerque - Brasília - DF

...Agora, com a desculpa de crise tudo é motivo para aumentar o lucro das maiores empresas, exatamente aquelas que mais se beneficiaram da economia mundial. Cada vez que uma multinacional anuncia que teve prejuízo avisa que vai demitir milhares de empregados, para compensar. Demitir os responsáveis pelo prejuízo que são os dirigentes ninguém vai. O certo, ao invés de prejudicar milhões de trabalhadores que apenas cumpriram ordens e instruções é demitir os dirigentes que receberam fortunas para levar as empresas e a economia à situação em que chegou. Depois do absurdo Crack das financeiras norte americanas, que abalou a economia de todo mundo, não se ouviu nenhum anúncio de que os tais executivos mágicos perderam seus empregos. O Obama até que tenta remediar proibindo que tais "predadores sociais" ainda recebam participações milionárias mesmo com o prejuízo que causaram. Mas não vai adiantar. Teria que ter cadeia severa para os tais executivos e junto deles dirigentes de governo e estatais que cometeram crimes no mercado financeiro e empresarial. - João S. Menezes Campos - Rio de Janeiro - RJ

...Na verdade, por trás do colapso financeiro mundial está oculto o fracasso de um modelo de capitalismo que só atende e favorece aos interesses da classe dominante e das elites, fazendo com que os mais pobres paguem com sangue, suor e lágrimas, e continuem suportando a carga da injustiça e opressão sem qualquer possibilidade de mudança. João A. Freitas - Porto Alegre - RS

EDITORIAL

(Continuação)

corrigidos e que foram ignorados pelos que responderam pela administração da entidade nas últimas décadas. Entretanto, conhecemos nosso quadro social como poucos e sabemos da capacidade de, juntos, restituirmos à API, e a todo nosso quadro associativo, a dignidade histórica de suas atribuições.

Democraticamente, comunicamos ao presidente JB de Oliveira que estamos oferecendo na próxima edição (a última antes do pleito), aos demais candidatos que tenham os requisitos para compor outra chapa, o espaço necessário para que

possam através de ½ página do JIP expor seus planos. Queremos que os eleitores votem com total consciência em quem pode resolver melhor os destinos de nossa Associação Paulista de Imprensa. Consideramos que não somos inimigos ou rivais de ninguém, apenas adversários numa eleição. Portanto, expressamos nosso desejo de que a melhor opção vença o pleito, e que depois todos possamos nos unir para reconduzir a Casa do Jornalista de São Paulo ao lugar de destaque que merece dentro do cenário da Comunicação Social de São Paulo. Vamos conferir, até lá...

PÉROLAS DE SAMPA

CC

Conferindo: tempo e placar de jogo de quem faz falta no jornalismo...

Final de tarde, de dia de Futebol em Sampa. Com mil obrigações rodando na mente, esqueço que não deveria passar, naquele horário, pelas imediações da Av. Sumaré e Rua Turiassu em função do jogo inicial do Palmeiras pela Libertadores, enfrentando o tal de Real Potossi. Quando dou por conta, estou no meio de um imenso congestionamento cercado por torcedores que se dirigem ao "Palestra Itália".

Não há muito o que fazer. Como estou perto, deixo o veículo no estacionamento de um amigo e aproveito para dar um pulo no Estádio, e acompanhar os trabalhos iniciais dos colegas de Rádio e Televisão. Na entrada, aproveito para cumprimentar o pessoal da Federação, sempre a postos e de prontidão para o necessário exame das credenciais dos profissionais de Imprensa. No saguão, cumprimento colegas de Emissoras, e o pessoal da Assessoria de Imprensa do "Verdão", time do coração de nosso William Sinescalchi. Na sequência, subo até a ala destinada à Imprensa, que há muito tempo não frequentava, já que minhas idas ao Estádio da Turiassu, sempre foram muito mais diretas à cabine da Emissora de Rádio, para comandar, como Narrador, as jornadas esportivas.

Ao passar pela fiscalização da FPF, e entregar minhas credenciais para o funcionário postado na entrada, que, por não me conhecer, solicitou novamente identificação, meu cérebro, automaticamente, notou a falta de alguém que foi muito querido a todos os cronistas esportivos de São Paulo, trazendo-me à lembrança o comunicador que recebi da ACEESP, no dia 7 de janeiro:

Faleceu, ontem, em São Paulo, o Sr. Manolo Amoris. O Sr. Manolo foi fiscal da Federação Paulista de Futebol e auxiliou durante anos os cronistas esportivos.

Puxa vida! O *Manolo* foi uma das pessoas mais simpáticas, educadas e afáveis que, na função de Fiscal da Federação Paulista de Futebol, conheci! Sempre disposto a ajudar, encontrar caminhos, soluções. Quantas vezes, os colegas de Rádio, principalmente do interior, foram ajudados pelo *Manolo* para conseguir encontrar, principalmente nos jogos decisivos, os locais onde deveriam executar seus trabalhos!

Se tinha que "quebrar algum galho ou até a árvore inteira", o *Manolo* era a pessoa certa. Lembro-me de uma vez em que, comandando uma equipe de Rádio, na decisão de campeonato brasileiro, no Morumbi lotado, tanto de torcedores como de representantes de Emissoras de Rádio e Televisão do Brasil inteiro, alguém mudou a posição onde foram instaladas as linhas de transmissão de nossa emissora. Não havia "gênio" que soubesse o que havia acontecido. Os técnicos tentavam falar com a Embratel, telefônica, com o mundo, e nada. Ninguém sabia informar para qual local haviam transferido a "cabine" de nossa Emissora. Procurei o *Gino Orlando* antigo jogador de futebol e administrador, na época, do Estádio, que, muito solícito, movimentou seus auxiliares para nos ajudar e nada... Quase na hora de iniciar as transmissões, ouvíamos pelo Rádio portátil o Plantão (*Grande Machado*) anunciando aos ouvintes que dentro de poucos minutos iríamos falar direto do Morumbi e nada... Nem sequer havíamos instalado ainda o posto para a transmissão. Os dois repórteres de Campo sem saber o que acontecia, na boca dos vestiários tentavam falar conosco de todas as maneiras, até por intermédio de colegas de outras emissoras (*Adolfo Luiz* - na época, repórter de prestígio na Record - foi um dos que mais se empenhou em nos auxi-

liar) que tentavam ajudar e nada...

Depois de falar com técnicos da empresa telefônica, eis que aparece o *Manolo*, Fiscal da Federação, que não tinha qualquer obrigação de nos ajudar, a não ser fiscalizar nossas credenciais e facilitar o nosso ingresso ao local de trabalho. Mas, ele acompanhava nosso desespero e veio nos dizer que havia descoberto um local que até aquele momento estava livre, onde estavam instalados os fios de RX e TX, e deduziu que poderia ser o nosso posto de transmissão. Não tivemos dúvida. Fomos ao local, nosso técnico rapidamente plugou as ligações e, percebendo sinal na linha de transmissão e na de recepção, pediu para que eu chamasse a Emissora. Faltavam menos de 10 minutos para a partida começar. Os times já tinham entrado em Campo e era desolador assistir nossos dois repórteres, em meio aos colegas, apenas olhando, com o microfone na mão, a movimentação preparatória do jogo. Rapidamente chamei a Emissora:

- Alô Guarulhos... Aqui Morumbi ... Na escuta!

Recebo a resposta num sotaque característico:

- **Aqui Rádio Catugi de Natal...**

Quase tive um enfarte ao perceber que havíamos plugado na linha de uma Emissora do Rio Grande do Norte, a qual, decerto, tinha reservado a instalação, mas seus componentes não haviam chegado, por qualquer razão, ao estádio.

Foi aí que, mais uma vez, surgiu o *Manolo* com sua proverbial intervenção:

- Pô cara! Agora há pouco eu vi uns caras desesperados porque estavam tentando chamar a Radio deles e só conseguiam falar com uma Emissora de São Paulo. Acho que o posto de vocês é onde eles estão e o deles é esse aqui!

Saímos correndo atrás do *Manolo*. O pessoal da antiga Telefônica tinha mudado alguns postos de transmissão e, por qualquer razão, o pessoal técnico de nossa Emissora não ficou sabendo.

Atrevessamos, desesperados, metade do Morumbi.

Ao chegarmos no local, correndo atrás do *Manolo*, encontramos os colegas de Natal conferindo mapas, posições e tentando encontrar sua situação.

O *Manolo* falou com eles. Sem desligar o equipamento (deles) peguei o microfone e chamei a Emissora:

Era a nossa querida *Rádio Universitária FM*, com a equipe Acadêmica de Futebol - pioneira na transmissão de futebol em *frequência modulada* - que tive a honra de comandar, contando com o apoio de muitos colegas da imprensa esportiva, em especial o pessoal da redação do antigo *Diário Popular*, liderados pelo *Arnaldo Branco*.

Não dava mais tempo para nada. Acertamos com os colegas de Natal que ficaríamos com o equipamento e o técnico de cabine deles e lá foram eles atrás do *Manolo*, com nosso técnico e equipamento, para o posto de transmissão no outro lado do estádio.

No final tudo deu certo. Terminado o trabalho: São Paulo Campeão! Cada um pegou seu equipamento e missão cumprida. Graças à intervenção de uma figura que nesta coluna faço questão de homenagear: *Manolo! Vaya com Dios, companero! Que las luces estejam presente en tu camino!*

Pena que ele se foi. Era uma das pessoas que estava na relação dos que seriam homenageados pela API, pelos seus relevantes trabalhos prestados aos profissionais de Imprensa de todo Brasil.

Coisas do Futebol, coisas do jornalismo, coisas de Sampa...

A bolsa, a família e a educação

Sebastião Luiz Amorim

Há profunda preocupação diante dos rumores que dão conta que, na esteira da grave crise financeira mundial, o governo federal pretende ampliar o programa denominado de “Bolsa Família”.



É certo que grande parte da população precisa de ajuda. E trata-se questão emergencial, que poderá ser potencializada com os efeitos nefastos da recessão que parece se disseminar pelo mundo. Não são poucos os brasileiros que vivem em condições absolutamente indignas. Também é incontroverso que o programa do governo federal, implantado nos últimos 12 anos, melhorou – e muito – as condições de milhões de pessoas ao propiciar o acesso a gêneros de primeira necessidade.

Quais, então, as razões para o alegado receio?

Os motivos são múltiplos e todos se ligam aos contornos que o Brasil terá no futuro. Fiquemos, pois, no alicerce de qualquer país: a educação, questão absolutamente vital.

A sociedade moderna mudou muito. As mulheres conquistaram seu espaço no mercado de trabalho e hoje dividem igualmente as responsabilidades com os homens. Entretanto, muitas ainda precisam acumular funções como a indelegável responsabilidade materna.

Para garantir o sustento e prover os filhos de um mínimo de conforto, elas necessitam de creches e períodos mais extensos para os filhos nas escolas. E isso é oferecido pelo Estado? Infelizmente, na maioria das vezes não.

Pior ainda, não é difícil encontrar crianças sem nenhum acesso à educação. Quando há vagas, elas são disputadíssimas. Ainda assim, a qualidade sofrível do ensino público salta aos olhos. Os exames colhidos pelos órgãos oficiais, nacionais e internacionais, dão conta de que sequer se atingiu a nota mínima.

Não são poucos os casos de jovens que concluem o ensino fundamental sem a menor capacidade de leitura e, menos ainda, de executar operações matemáticas rudimentares.

A situação não é melhor no ensino médio. Os estudantes da rede pública possuem enorme dificuldade para disputar, em igualdade de condições, acesso às vagas nas melhores universidades.

Na outra ponta, temos os docentes, pessoas que se dedicam a propalar e difundir o conhecimento e, portanto, têm uma das mais nobres missões.

O Magistério, que no passado atraía excepcionais profissionais, é hoje uma profissão absolutamente desvalorizada. O professor para alcançar remuneração minimamente condigna precisa se submeter a uma carga de trabalho absolutamente estafante. Invariavelmente se desloca de uma escola para outra e mal tem tempo para se alimentar, menos ainda para se aperfeiçoar. Não há estímulo consistente, nem formas de ascensão profissional. E isso em todos os níveis educacionais, pouco importando se atua no ensino básico ou na graduação de universidade pública.

É verdade que grande parte dos recursos públicos se esvai pelos ralos do desperdício e da corrupção. Ainda que vencidas essas verdadeiras excrescências, persistiriam aos governantes sérios e probos dilemas complexos como: “fomeço o pão para saciar a fome ou invisto em saúde?”, “devo ampliar políticas sociais ou tento diminuir os índices de criminalidade?”.

As respostas às questões propostas ecoam também nas famílias. Com o orçamento cada vez mais apertado, há a pungente necessidade de eleger prioridades. Cortam-se despesas supérfluas e são mantidas as essenciais. Ainda não se encontrou o equilíbrio? Passa-se, sucessivamente, a cortes cada vez mais profundos e, portanto, difíceis de escolher.

Entretanto, é nesse exato momento que um país – ou mesmo uma família – escolhe seu destino. Se abrir mão da capacidade de evoluir, está fadado a ser o país do futuro. Um futuro que nunca é alcançado.

De outro lado, se a escolha for a de evoluir, é preciso mudar paradigmas. É preciso educação para mais pessoas. É preciso melhorar a qualidade do ensino. É preciso melhores condições e especialmente remuneração para os professores. É preciso estar mais próximo das famílias. É preciso de mais e de melhor Estado!

Assim, ousar dizer que “Bolsa Família” é importante, entretanto há de ser lembrado que outros setores da vida social também o são e, entre eles, o da educação condigna, pois, sem ela não há progresso de uma nação e sem progresso não há felicidade.

** Desembargador aposentado / Vice-Presidente de Interiorização da AMB / Associação dos Magistrados Brasileiros.*

Chapa “NOVOS RUMOS” : é a solução

Adolfo Lemes Gilioli*

Há mais de três anos venho aconselhando, sugerindo e até apelando por escrito, e mesmo ao vivo em assembleias, para que seja adotado um novo procedimento administrativo na Associação Paulista de Imprensa. A API não suporta mais promessas ou aventuras ousadas. Ela está precisando de um competente e incisivo gerenciamento.



Façamos uma pausa para algumas considerações.

Em 2006, após termos conseguido o aceite do jornalista Costa Carregosa para concorrer ao cargo de presidente da API nas eleições daquele ano, surgiu o nome de J. B. de Oliveira. Conversei com o presidente em exercício, Romeu Aneli e, ponderando importantes expectativas, chegamos à conclusão de que a API “daqueles dias” precisava de alguém com a força e o prestígio que os jornais, rádios e revistas estavam divulgando a respeito do jornalista e nosso confrade da Academia da Crista de Letras, J. B. de Oliveira, que no momento estava concorrendo à eleição para Deputado da Câmara Legislativa Federal. Voltei a abordar o assunto com Carregosa, digno e respeitável companheiro de várias refregas na API, famoso pelas suas magistras cutiladas. Com vista ao que poderia ser melhor para a API, Carregosa, fidalgamente, concordou em ser vice do jornalista J. B. de Oliveira, demonstrando assim, mais uma vez, ser uma figura pública de raro valor; honesto, leal e verdadeiro no agir. Dotado de uma personalidade destemida, Carregosa, confirmou, com seu desprendimento, sua autenticidade e força inspiradora que de fato é.

Logo após ser eleito presidente da API, J. B. precisou licenciar-se desta presidência, para ser candidato à Câmara Legislativa Federal, passando a presidência ao seu vice, Carregosa. Na condição de presidente em exercício, Carregosa demonstrou seu magnífico tino administrativo, competência, dinamismo e amor pela API. Foi uma experiência valiosa e reveladora. Tivemos a oportunidade de constatar que Carregosa reúne os predicados de líder que a API necessita.

Após a bela participação eleitoral, altamente consagrada em termos de prestígio pessoal, J. B. reassumiu a presidência da API. Nessa ocasião, intercalei no meu discurso de boas-vindas algumas considerações sobre tipos de gerenciamentos. Por todo esse tempo, tudo era esperança, expectativa e probabilidades. Para mim, pessoalmente, esperança sinaliza a presença da força para a superação dos problemas que cercam o dia-a-dia da API.

Quando J. B. reassumiu a presidência, à guisa de colaboração, fiz referência a um modelo de gerenciamento já posto em prática com aplaudido acerto, adotado por uma instituição não-governamental (ONG), considerada

centro de excelência em ensino e pesquisa com quem, orgulhosamente, convivo, e que gostaria que fosse objeto de análise. Tal administração é moderna, eficiente e de resultados positivos e inovadores. Busca soluções e aponta os campos da ação possível. Na ocasião, apesar da minha insistência e preocupação, minha sugestão caiu no vazio.

O tempo passou. Estamos novamente em época de eleições. Enquanto uns e outros, sigilosamente, estão contabilizando “o que eu ganho em ser presidente da API destes dias”, Carregosa congrega e sensibiliza um grupo de apaixonados pela mesma API – destes dias –, preocupado em fazer o melhor em prol da sua revitalização. Carregosa já demonstrou que sabe pedir resultados e soluções; que sabe dirigir, cuidar, coordenar e organizar. É aquele líder que incentiva motivando a união e a camaradagem.

Carregosa aceitou o desafio. Aceitou liderar esta necessária e inadiável tarefa de reconstrução da API. Com sabedoria e conhecimento mérito catalisador de pessoas bem-intencionadas, cômicas de seus deveres e responsabilidades, montou a chapa NOVOS RUMOS, que, afirmo, é a solução para a API.

Presidente: Costa Carregosa
Vice-presidente: Ricardo Jacob
1º. Secretário: Richards Chaves
2º. Secretário: Bira Câmara
1º. Tesoureiro: Vergilio Roveda
2º. Tesoureiro: Wilson O. Jaza
Diretor Jurídico: Claudio Gomes
Diretor do Patrimônio: Maria Nazaré Doria
Diretor Cultural: Willian Sinescalghi
Diretor de Marketing e Comunicação: Marco Antonio Batista
CONSELHO DELIBERATIVO
-Adolfo Lemes Gilioli
-Deputado estadual e jornalista Major Olimpio
-Antonio F. Michelassi
-Antonio Salazar
-Roberto Drumond M. Silva
Suplentes Conselho Deliberativo:
- Cosme Felix
- Paula Watson
- Frances Azevedo
- Rosa M. Custodio
CONSELHO FISCAL
-Lizar de Carvalho
-Victor Barau Rojas
-Roberto Esteves
Suplentes – Conselho Fiscal
-Dalete Cunha
-Magaly G.L. Gilioli
-Amaury N. Moraes
-Herny Domingues Filho

** Decano dos Jornalistas de São Paulo - Presidente emérito da Academia Cristã de Letras, Ex-presidente da Associação Paulista de Imprensa*



Continuação do número anterior...

Escola Paulista de Medicina

Afiz Sadi*

Não sabemos de quem partiu a idéia dessa fundação e estamos convictos de que não tem relacionamento algum com a chamada “Universidade Livre de São Paulo”, constituída 6 anos mais tarde. A premência do tempo presentemente não nos permite averiguar a existência de dados informativos absolutamente indispensáveis à elaboração de uma sucinta descrição, o que muito lamentamos, pois trata-se de uma iniciativa de grande alcance. No entanto, premidos pelas circunstâncias, só nos resta assegurar que, em outra oportunidade, tentaremos esclarecer para o cabal conhecimento da evolução do ensino superior em nossa cidade de São Paulo. Seria muito difícil descrever todas as nossas pesquisas sobre o ensino médico no Brasil e em São Paulo porque encheríamos várias páginas desse jornal e ocuparíamos espaços de outros pesquisadores.

Para a implantação do ensino médico em São Paulo, tentativas várias foram feitas e todas abortadas ao longo da centúria oitocentista. Só no 2º decênio do Séc. XX surgiram duas Escolas Médicas: a Escola de Medicina e Cirurgia, particular, em fins de 1911, pertencente à Universidade Livre de São Paulo, de duração efêmera, devido a injunções políticas; e a Faculdade de Medicina e Cirurgia, oficial, sob a responsabilidade do governo do Estado, em dezembro do ano seguinte, e que, em 1934, viria a ser incorporada à Universidade de São Paulo, esta fundada pelo Interventor Dr. Armando Sales de Oliveira (1887-1945), em 25 de janeiro pelo decreto nº 6.283.

Com o crescimento da população no Estado de São Paulo, com apenas uma escola médica, número escasso de profissionais, formados de 1918 até 1932 apenas 614 médicos, docentes que não encontravam espaço para sua evolução, diversos setores de atividade no estado iniciaram uma tentativa para a fundação de uma nova escola médica em SP. O estado, naquele período, já no início da 4ª década do séc. XX, dispunha de um número apreciável de médicos competentes, alguns deles de prestígio internacional, tais como Adolfo Lutz (1855-1940), Vital Brasil Mineiro da Campanha (1865-1950), Clemente Miguel da Cunha Ferreira (1857-1947), Francisco Franco da Rocha (1864- 1933), Carlos José Botelho (1855-1947), Manoel de Abreu (1894-1962), etc. E, na Faculdade de Medicina e Cirurgia, avultavam as figuras de Celestino Leão Bourroul (1880-1958), Domingos Rubião Alves Meira (1878- 1946), Raul Carlos Briquet (1887-1953), Sérgio de Paiva Meira Filho (1888-1940), Luiz de Rezende Puech (1884-1939), Antonio de Almeida Prado (1889-1965), João Alves de Lima (1872-1934), Nicolau de Moraes Barros (1876-1959), Ovídio Pires de Campos (1884-1950), e outros mais, que muito se preocuparam em transmitir seus conhecimentos aos alunos que freqüentavam esse estabelecimento de ensino científico.

A qualidade era excepcional, mas a quantidade muito reduzida e isso preocupava as autoridades sanitárias e compungia a própria massa popular. Havia, pois, um déficit de médicos e só haveria uma solução para remediar tão grande impasse: a criação de novas “Escolas Médicas”, não só na capital como mesmo no interior. Seria Viável? A pujança da riqueza bandeirante, com um surto de progresso que já se vislumbrava, acenava pela afirmativa. Quantos novos médicos seriam necessários em todo o estado de S. Paulo para que a relação médico paciente fosse a



ideal? As opiniões relativas a essa proporcionalidade divergem... Alguns acham satisfatória a existência de 1 médico para cada grupo de 1.000 habitantes. Eu, particularmente, sempre optei por 1 médico para 1.300 indivíduos.

Estavam a ser criadas as condições basilares e essenciais para a fundação de uma nova “Escola Médica”:

a) o contingente de médicos, apesar do êxodo de diplomados por outras “Escolas” e que procuravam São Paulo para aqui se estabelecerem não satisfazia as exigências mínimas para poderem prestar uma assistência ideal à população, que crescia anualmente.

b) a Faculdade de Medicina e Cirurgia não tinha possibilidade, imediata, de aumentar as suas vagas; no ano de 1932 diplomou 49 médicos que constituíram a 15ª turma.

c) a nova Faculdade possuía um elenco de livre-docentes de indiscutível valor científico, e que desejava seguir a carreira professoral, mas viam os seus anseios baldados, em virtude da maioria dos catedráticos ter ingressado no magistério há relativamente pouco tempo, pelo que teriam a sua frente um futuro muito longo.

O que faltava então?!... Seria necessário que surgisse um estopim para espicaçar as consciências das pessoas mais responsáveis, e também, um líder, que empunhasse, com coragem e sem desfalecimento, essa bandeira sacrossanta. Esses dois requisitos não demoraram a aparecer...

Para o ingresso na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, a única existente em todo o Estado, era necessário, terminado o curso ginásial científico, a prestação de exames, conhecidos, indistintivamente, pelos nomes de “Admissão à Universidade”, “exame de seleção”, “exame vestibular”. O número de candidatos era sempre bem superior às vagas existentes e a Faculdade comportava.

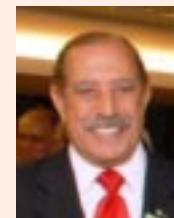
Para o ano letivo de 1933, mais de duas centenas de jovens habilitaram-se à entrada nessa Faculdade; desses, 119, embora aprovados, não conseguiram matrícula. Uma onda de indignação, e mesmo de revolta, se espalhou pela população de São Paulo, em especial no âmbito da Classe Médica, em defesa da mocidade, condenada a aguardar mais um ano, ou então procurar outras Escolas Médicas de outros Estados, o que implicava numa despesa apreciável, além do afastamento dos seus familiares. Essa falta de vagas constituiu o rastilho, prestes a deflagrar. Urgia que aparecesse o “guia” para empunhar o bastão em prol dos jovens ávidos de saber e de serem úteis à sociedade sofredora. E ele surgiu... Chamava-se Octávio de Carvalho, nascido na capital em 1891, médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1915, e que desfrutava de excepcional prestígio não só no seio da Classe Médica Paulista - depois de ter feito estágios de aperfeiçoamento na Europa e América do Norte - como no de toda população da Paulicéia.

Inconformado com a situação desagradável, tomou a defesa dos moços e conclamou os “Homens de Bem” do Planalto, entre eles inúmeros médicos, alguns desempenhando funções docen-

Política de Educação

A educação elimina a criminalidade?

J. B. Oliveira



Vem de muito longe o conceito de que educação e criminalidade são realidades excludentes: a simples presença da primeira elimina a segunda.

Até onde isso é verdade?

A resposta a essa questão, que se pode chamar de intrigante, não é nada simples. Demanda certa digressão no tempo e no espaço. Lá atrás, cerca de 950 anos antes de Cristo, viveu o chamado “Rei sábio”: Salomão, filho de Davi. Um de seus livros mais citados, Provérbios, traz a conhecida recomendação: **“Instrui o menino no caminho em que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele”**. Em sua ótica, portanto, fixada uma sólida educação na infância, estará garantido o comportamento correto pela vida afora. De certa forma, faz paralelo à “Teoria do bom nativo”, de Jean Jacques Rousseau, segundo a qual o ser humano nasce bom. Sua eventual deturpação decorre do convívio social.

Mais tarde, por volta do ano 500 a.C., o filósofo Pitágoras apregoava: **“Se educamos a criança, não precisaremos punir o adulto”**, praticamente na mesma linha de Salomão, atribuindo valor preventivo, profilático ao ensino. Ao longo dos séculos foi assim. Pais prósperos garantiam a melhor educação possível para seus filhos e pais pobres sacrificavam conforto, bem estar, economia e até alimentação para dar aos filhos a formação escolar que não tinham tido.

Um relato histórico comprova essa assertiva. Numa fazenda da velha Inglaterra, brincavam o filho da rica propriedade e o filho do caseiro. Num determinado momento, o filho do fazendeiro caiu no rio e só não se afogou porque o outro garoto, num rasgo de coragem, o resgatou. Ao saber disso, o fazendeiro chamou o caseiro e disse que queria recompensar a atitude altruísta de seu filho, e consultava-o sobre o que ele gostaria que fosse dado ao menino. Sem pestanejar, o homem disse que queria apenas uma coisa: que seu filho pudesse receber a mesma educação que o filho do senhor. E foi o que aconteceu, até a formatura de ambos. O tempo passou e cada um seguiu seu rumo. O rico enfiou-se na política e galgou postos de relevância. O outro, dedicou-se à área da medicina. Então, no fragor da Segunda Guerra Mundial, o esteio da resistência britânica, seu Primeiro Ministro, vitimado por enfermidade infecciosa, estava fadado a morrer. Foi quando um diligente pesquisador científico descobriu a penicilina e, por ela, salvou a vida do filho do rico fazendeiro Randolph Churchill, Sir Winston Churchill. O pesquisador, filho do humilde caseiro, era Alexander Fleming e, graças a

oportunidade que tivera de educar-se pôde, pela segunda vez, salvar a vida de seu amigo.

E em nossos dias, a situação é a mesma? A educação é fator de boa formação moral e elimina o risco de a pessoa enveredar-se pela senda tortuosa do crime? Parece que não!... Por quê?

Inicialmente porque a primeira educação – a do berço, do lar – há muito deixou de ser o que era. No passado, pais e filhos conversavam ao redor da mesa de jantar, na sala ou até no terreiro. A TV e, logo a seguir, seus “irmãos mais novos” e mais cruéis, o computador e a internet acabaram com isso. Os filhos perderam a bênção de ouvir conselhos e orientações dos pais. Ao contrário, recebem péssima influência – com som e imagem – do que se passa no “mundão”. E, desgraçadamente, a quantidade de “joio” é muito maior que a de “trigo”... E não há quem os ajude a separar um do outro.

Em segundo lugar, porque o ambiente em que estudam hoje já não é mais a “escola risonha e franca” dos velhos tempos. “Risonha e franca”, porque nenhum aluno sequer podia supor que na mochila do colega pudesse haver maconha, craque, cocaína ou outra droga, e até uma arma de fogo! Também era inimaginável que um adolescente peitasse o professor ou a professora, ameaçando de morte e, o que é muito pior, cumprindo a ameaça! Se antes os alunos temiam seus professores, hoje são os professores que têm medo de seus alunos!

Em terceiro lugar, porque o crime organizado chegou também à educação! E como em todo o lugar em que chega, fincou suas pérfidas raízes. Num primeiro momento, a organização percebeu que a escola é o lugar ideal para despejar seus “produtos”. Nela estão reunidos “clientes” efetivos e potenciais, na figura de viciados, dependentes, traficantes, “aviõezinhos” e que tais. Num segundo momento, passou a usar a estrutura escolar para dar a seus membros atuais ou futuros educação que lhes permita colocar-se em pontos-chave de interesse do crime, no futuro. E o futuro já chegou! Não há dúvida de que já há “filhotes” do crime organizado que estudaram às suas custas, diplomaram-se, prestaram concursos e estão por aí, “devolvendo” o que “receberam” como em um “financiamento escolar”!

Na época da TV em branco e preto, uma série fez sucesso mundial. Chamava-se “Os invasores”. Eram extraterrestres que em tudo se assemelhavam aos terráqueos e que iam se infiltrando aqui e acolá, em pontos estratégicos, com o objetivo de dominar o planeta. O mais dramático é que ninguém acreditava que isso pudesse estar acontecendo...

Continua na pág. 7

ELEIÇÕES NA API

Deputado Major Olimpio / Jornalista

“A democracia pode ser ruim, mas ainda não inventaram nada melhor”, ou com outras palavras: ruim com ela, pior sem ela. Adágio popular mais do que verdadeiro, pois, por mais que se critique a liberdade de escolha dos representantes políticos, a democracia é a maior expressão de liberdade de um povo ou grupo social.



API, como sócio e participante ativo da Entidade, fiquei muito feliz, pois, independentemente do resultado das eleições ou das minhas preferências pessoais, a possibilidade de ver a saudável alternância do poder me dá a plena sensação de que amadurecemos ao ponto em que o interesse coletivo supera as verdades ou interesses pessoais.

Quem ganha com isso é o Associado, pois, sem a menor sombra de dúvida, a Entidade sairá desse processo mais fortalecida e unida.

Os profissionais, que assumiram o compromisso de formar e informar, esperam e merecem ter uma Entidade, que seja espelho e modelo de democracia para a Sociedade.

Parabenizo a atual direção, que, promovendo uma anistia geral, deu condições a todos os sócios da entidade de votarem no pleito que ocorrerá em março próximo. Atitude que demonstra sua vontade de trilhar e conduzir o processo eleitoral. Por outro lado, desejo felicidades à futura gestão, que, certamente, ampliará o brilho da Associação Paulista de Imprensa, a nossa API.

A democracia e a alternância do poder são os pilares que sustentam o Estado Democrático de Direito. Nesse sentido, a liberdade de escolha deve caminhar sempre junto com a alternância do poder. Tal premissa também é verdadeira em relação às entidades representativas de classes como as Associações e os Sindicatos, e é aí que a coisa emperra, pois Dirigentes Associativos e Sindicais, na sua grande maioria, acabam se perpetuando no poder, muitas vezes escudados em mudanças estatutárias realizadas em Assembléia Gerais na calada da noite em véspera de feriado.

Ao tomar conhecimento do processo eleitoral em curso na Associação Paulista de Imprensa –

Eleições da API prometem ser as mais concorridas das últimas décadas...

Redação JIP

Os associados poderão votar independentemente de estarem em dia ou não com o pagamento das anuidades

Além de se esperar o lançamento e apresentação de mais Chapas, além da liderada pela dupla **Costa Carregosa/Ricardo Jacob** que poderão concorrer nas eleições da Casa do Jornalista de São Paulo, o presidente JB de Oliveira, em atitude democrática e atendendo solicitação dos componentes da Chapa NOVOS RUMOS, decidiu possibilitar a todos os associados independentemente de estarem em dia ou não com o pagamento de anuidades a possibilidade de votar nestas eleições.

Em carta/e-mail de 27 de janeiro de 2009, dirigida a liderança da Chapa Novos Rumos assim se expressou o presidente da Associação Paulista de Imprensa JB de Oliveira:

Prezado Costa Carregosa

Considerando esta Presidência ter, em documento, a posição do Presidente do Conselho Deliberativo Prof. Adolfo Lemes Gilioli, redigida nos seguintes termos: **“Ficam, todos os associados, para fins eleitorais, isentos da apresentação de comprovantes de pagamentos das contribuições associativas, ficando expressamente permitido o exercício do sufrágio para as eleições convocadas para 30 de março de 2009, inclusive para fins de composição das chapas a concorrer, mesmo havendo pendências financeiras.”**

A seguir, prossegue: **“De acordo com as tradições morais e históricas da API e a legislação concernente, estão impedidos de participar das eleições candidatos a qualquer cargo Diretivo ou de Conselho com ficha criminal progressa”;**

Considerando, a solicitação apresentada nesta carta, no mesmo sentido em que é tomado por embasamento o acúmulo de dificuldades pelas quais a entidade passou nos dois últimos anos, dificultando até mesmo o pagamento bancário por parte dos associados, como ex-

posto em seu documento;

Considerando que a participação do máximo possível de associados nas próximas eleições pode se converter em importante incentivo para seu retorno à “Casa do Jornalista de São Paulo”; esta Presidência CONCORDA com o pleito, tal como exposto pelo Presidente do Conselho Deliberativo, CONCEDENDO que **fique “expressamente permitido o exercício do sufrágio para as eleições convocadas para 30 de março de 2009”**. Essa CONCESSÃO não implica em anistia ou renúncia, objeto de outras eventuais decisões.

Cordial abraço.

JB de Oliveira

Democracia plena - todos os associados poderão decidir os destinos da API

A notícia já esta sendo distribuída para os principais veículos de comunicação e espera-se comparecimento maciço dos associados nas urnas no dia marcado para as eleições marcadas para o dia 30 de março de 2009. Em breve a secretaria da Associação enviará circular de convocação para todos os associados da entidade.

Faça o pagamento de sua anuidade Uma necessidade para a instituição

Como reconheceu o atual presidente JB de Oliveira inúmeras ocorrências dificultaram o pagamento das anuidades por parte dos associados, principalmente o bloqueio das contas bancárias da entidade em função de cobrança judicial promovida por um terceiro em nome do ex-presidente Carlos Correia de Oliveira. Entretanto agora com a administração já podendo contar com o acesso aos recursos depositados em conta corrente, é de suma importância o pagamento da anuidades estipulada em R\$.100,00 (Cem reais) para cada sócio.

O associado poderá depositar o valor correspondente na conta corrente Bradesco agência 131-7 Conta 1988-7, ou na secretaria da API.

Política de Segurança

O comando da PM e o caso Paraisópolis

J. B. Oliveira



Alguém já disse que, em toda ocorrência em que haja envolvimento pessoal direto ou mesmo indireto, há sempre três versões: a sua, a minha e a verdadeira. Isso vem ao encontro da velha discussão sobre a imparcialidade na imprensa. É possível mantê-la? A verdade é que mes-

mo ao observar de fora um episódio qualquer, o observador se deixa influenciar por crenças e valores internos ou externos. Fatores como influência familiar, formação educacional, experiências em determinadas épocas da vida, registros conscientes e inconscientes de fatos e informações, ideologia política etc. são como lentes de diferentes graus e cores que as pessoas, até sem querer, usam. Por isso um mesmo episódio visto e descrito por mais de um apresenta diferenças às vezes abissais de forma e de conteúdo.

A relativa tranqüilidade da cidade de São Paulo foi bruscamente rompida no último dia 2 de fevereiro.

Colhida de surpresa, a imprensa procurou cumprir sua missão de informar à população o que estava acontecendo. Fiel a seu mister de buscar as causas, viu, observou, anotou, colheu depoimentos e impressões e levou a conclusão para seus noticiários. Claro que com controvérsias.

Para uns, a causa foi a morte de Marcos Porcino, ladrão de carros, foragido do presídio de Franco da Rocha, baleado no dia anterior em um tiroteio com a PM. Para outros, teria sido a prisão de Antônio Galdino de Oliveira, cunhado do chefe do tráfico de drogas da zona sul Francisco Antônio Cesário da Silva, o Piauí, integrante do PCC – Primeiro Comando da Capital. Uma terceira possibilidade seria o descontentamento com a substituição do comandante do policiamento da área. Há, por fim, a hipótese de que o estopim da revolta seria o abuso policial, havendo quem chegue a indicar os responsáveis por isso, policiais conhecidos como “Zoió Roxo” e “Raio”...

Partindo da premissa socrática de que perguntas devem ser dirigidas a quem tem reais condições de respondê-las, fomos procurar o Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo Coronel PM Roberto Antônio Diniz, com quem conversamos informalmente. A pergunta sobre o que, de fato, teria acontecido, a resposta foi cautelosa. Há várias hipóteses, como visto acima, mas não há ainda uma certeza. A suposição de que o fato gerador teria sido a morte de Marcos Porcino ou a prisão de Antônio Galdino de Oliveira não têm muita chance de corresponder à realidade. Nenhum dos dois teria tanta importância dentro da estrutura criminal para provocar uma reação dessa envergadura. A outra possibilidade, decorrente da substituição do comandante do policiamento local também não teria esse condão, pois transferências são comuns – e mesmo obrigatórias – na corporação. Quanto ao alegado abuso policial que teria sido praticado por dois integrantes da PM, igualmen-

te não parece ter conteúdo para produzir um levante de membros da comunidade. Independentemente de ter sido ou não causa da tormenta, o caso já está entregue à área competente da corporação e, havendo comprovação de desvio de comportamento, os culpados receberão a devida punição.

A experiência e vivência do Comandante levam-no a crer que o tumulto não tenha nenhuma relação com o PCC ou qualquer outra organização criminosa. Menos ainda teria ligação com o tráfico de drogas local, uma vez que – como teria declarado um policial – “essa confusão prejudica o “negócio” deles. “Parece mais uma reação de moleques ligados ao crime, que acabou fugindo do controle”. O certo é que, na segunda-feira dia 2, por volta das 17h00, um grupo de perto de 40 pessoas entrou em confronto com soldados da PM, na movimentada Avenida Giovanni Gronchi, na zona sul, junto à favela de Paraisópolis. Nove pessoas foram presas e conduzidas ao 98º DP, no Portal do Morumbi. Eram seis adultos e três menores. Às 20h30, com a PM já distribuída pela área, o secretário da Segurança Pública Dr. Ronaldo Augusto Marzagão compareceu para dar apoio ao trabalho dos policiais. Fez declarações interessantes e pontuais: **“Isso (a quebra da ordem pública) não pode acontecer”**. **“Determinei que a área fique saturada (com policiamento intenso)”**. **“A operação irá até a hora que for necessário”**. **“Temos a obrigação de agir dentro da lei”**. **“Não podemos agir com violência”**. Foi dentro desses princípios que a PM conduziu toda sua ação, sem uso de armas letais, mas de dissuasão, e sem disparar um único tiro real. Daí a necessidade de massificar a presença física, ostensiva da polícia por toda a área. Indagado sobre se haveria alguma relação entre este tumulto e aquele promovido pelo PCC há pouco mais de dois anos, o Comandante respondeu categoricamente que não, são episódios distintos. Talvez algumas imagens daquele evento possam ter estimulado este, mas não há como nem porque vinculá-los. Diante da inevitável pergunta sobre a semelhança com o que ocorre hoje no Rio de Janeiro, a pronta resposta foi que as realidades são muito diferentes. Aqui a comunidade não obedece ao mando do crime; não há toque de recolher determinado pelas quadrilhas, nem a imposição de fechamento do comércio. Não há “dono” da favela e nem bandido famoso fora das grades. Basta observar que as atividades na comunidade não sofreram interrupção: tudo está funcionando normalmente. Esta é, concluiu, a função e missão da polícia: restabelecer e manter a ordem pública, permitindo que os cidadãos de bem não tenham suas vidas afetadas ou ameaçadas por criminosos de qualquer espécie. Mais que isso, o estilo de atuação policial utilizado neste episódio da favela Paraisópolis, será modelo a partir daqui, pela rapidez da ação, pelo respeito aos princípios da legalidade e pelo pronto restabelecimento da ordem e da tranqüilidade.



A GRANDE VIRADA NECESSÁRIA

LIZAR / Artista Plástico

O mundo testemunhou um grande momento de fraternidade e integração humana, nunca vista antes, em vários países, com a posse do presidente dos Estados Unidos. O que contrasta com o que vivemos na atualidade. São realmente muito tristes os momentos caóticos vividos pela humanidade nos últimos anos.



As guerras políticas criadas pelo ex-presidente norte americano, para vender e testar armamentos, dando uma demonstração de força, provocou o repúdio, no mundo inteiro, de todos os seres humanos razoavelmente evoluídos espiritualmente!!!

Para nós brasileiros, a situação é também muito difícil, pois, nos últimos tempos, o que domina é o império da corrupção! Aqui no Brasil, os canchalhas deitam e rolam em cima do dinheiro público, em todas as instâncias do poder e em todos os níveis da escala social.

É preciso iniciar uma grande transformação, começando por nós mesmos, e em nós mesmos, assumindo novas atitudes, moralizadoras, e não permitindo que à nossa volta, entre os amigos, se criem as tramas sombrias, que só desqualificam a vida e ridicularizam os seres humanos.

É preciso transformar as sociedades e os grupos humanos. Tornar as pessoas mais conscientes de suas responsabilidades, menos egoístas e mais fraternas, onde o estender as mãos, não seja um ato negativo - igual aos dos corruptos, desonestos, imorais, que estão dentro das organizações e dos sistemas, que só visam o enriquecimento ilícito, e se aproveitam em todas as esferas do poder (municipal, estadual e federal). É preciso formar uma nova mentalidade, tomar atitudes renovadoras, participativas e efetivas!!!

Os americanos estão dando um grande exemplo ao mundo, quebrando as regras há muito ultrapassadas... Vivemos numa época em que o

egocentrismo social, racial e político é inaceitável! Depois de muito tempo adormecido, elegendo maus políticos, o povo norte americano acordou e assumiu a responsabilidade de virar o jogo, começando uma nova era!!!

Com essa atitude política, eles estão dando um basta às guerras fabricadas, ao predomínio de interesses de grupos particulares, aos manipuladores da economia acostumados ao dinheiro fácil. É também um basta aos racistas que marginalizam friamente milhões de seres humanos, que predominam em todas as áreas, sem dar chance nenhuma aos "aparentemente" diferentes.

Estes mesmos racistas, que dizem crer em Deus, desmentem-se com suas próprias atitudes. Se Deus é o criador da vida, todos são filhos de Deus e iguais nos direitos e nos deveres!!! Quem contraria este princípio, é, declaradamente, contra Deus!!!

Com certeza, as forças espirituais que atuam nas correntes construtivas, da vida e do amor, e estimulam a evolução da humanidade, estão atuando em todos os sentidos, para atingir um resultado nunca antes alcançado em termos de pacificação mundial!!!

Estamos no início de novos tempos, onde o diálogo, e o respeito aos direitos das nações de terem a sua própria identidade, sua cultura e seus costumes, é uma necessidade. Que a evolução traga novas formas de relacionamentos, com trocas equilibradas de conhecimento, onde as análises sejam imparciais para o benefício de todos! Assim, as transformações serão positivas e muito bem vindas!!!

No Brasil, a dívida histórica é imensa e os afros brasileiros, 52% da população, aguardam, pacificamente, que o senado federal, após nove anos de enrolação irresponsável, vote as ações afirmativas! Afirmativas, Já!!!

QUE LÍNGUA É ESSA?!

Frances de Azevedo

Sabe-se que ao longo da história da nossa língua (língua portuguesa) ocorreram diversas alterações.

Quando nos deparávamos (ou deparamos) com a grafia de certas palavras, como o clássico exemplo de **pharmácia** (com ph), achávamos interessante, talvez bizarra tal forma de escrita. Contudo, tínhamos e temos a exata compreensão.

Também é certo que, desde 1986, Brasil e Portugal estudavam um acordo ortográfico para os países de língua portuguesa. Formou-se, então, uma comissão constituída por representantes de cada país lusófono. Após as tramitações burocráticas, passando pelo Ministério da Cultura e Educação, Câmara dos Deputados e Senado, finalmente, foi aprovada a reforma ortográfica no final do ano passado (2008) após 22 anos de idas e vindas.

Qual a razão para mais esta nova alteração?!

Ao que consta, a língua portuguesa é a única (!) com mais de uma grafia, e é falada por mais de 240 milhões de pessoas, daí a necessidade das novas regras para facilitar o intercâmbio cultural e científico entre os países e garantir a divulgação mais ampla do idioma. Esta é a versão que se consolidou para justificar a mudança.

Nos primórdios da língua portuguesa, lá em Portugal, antes do Renascimento, a escrita ocorria sem obedecer a qualquer regra. Tanto que, a mesma palavra era escrita diferentemente em cada região. Seguiu-se o som fonético para sua grafia!

Na metade do século XVI, surgiram os primeiros tratados de ortografia, numa tentativa de seu ordenamento. É o chamado período etimológico onde havia a preocupação com a origem da palavra.

Posteriormente, em 1904, foi publicada a Ortografia Nacional, que retirava os sinais de origem grega, (ph, y, th...) e das consoantes sem



valor fonético, além de regularizar a acentuação gráfica. Mais um tempo se passou de acordos, até que adotamos o acordo de 1943 e Portugal adotou o de 1945, que vigoraram até meados de 1970.

Em 1971 houve outro acordo suprimindo-se alguns acentos gráficos. Ao que consta foi o último do chamado acordo ortográfico.

Ora, neste tempo todo não consta que tenha ocorrido falta de entendimento, incompreensão ou qualquer obstáculo impeditivo de negociação comercial, cultural ou científica tendo por base a ortografia da língua portuguesa.

Confesso que nunca vi, li, ou ouvi nada a respeito. Todavia, para o nosso Ministério da Educação, a divergência de ortografias do português prejudica sua divulgação e prática em eventos internacionais. (!!!)

Pergunto: como a recente mudança, por exemplo da palavra **tranquilo** sem trema; ou da palavra **vo** sem acento circunflexo, e, ainda, da palavra **infravermelho** sem o hífen, vai ajudar na divulgação e prática dos tais eventos internacionais ou intercâmbios culturais e científicos entre os países ou seja lá o que for que se pretenda?!

Confesso não ser versada em fonética, fonologia, ortografia, escrita ou prosódia. Sei ler. Interessante, todavia, que quando leio, mesmo que seja com grafia antiga ou *diferente* eu consigo entender "tudinho". Será que sou um gênio ou será que a ortografia, como representação gráfica que é, permite que eu leia e entenda corretamente?!

Destarte, a reforma é desnecessária, porquanto as funções e o uso da ortografia não se prestam aos fins colimados, a não ser à indústria gráfica, editores/autores que, certamente, irão auferir gordos lucros. Sem mencionar o transtorno para aqueles alunos que se valem de edições usadas...

Escola Paulista de Medicina / **Continuação da página 5**

tes na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como Alípio Corrêa Netto (1898-1988), Álvaro de Lemos Torres (1844-1942), Antônio Bernardes de Oliveira (1901-1981), Jairo de Almeida Ramos (1900-1972), José Barbosa Corrêa (1899-1948), entre outros, e criaram uma outra "Escola Médica" - idealismo que ficou corporificado pelo "Manifesto" de 1º de junho de 1933, assinado por 33 expressivas figuras da nossa sociedade científica (apenas Lemos Torres deixou de assinar esse documento, por se encontrar fora do país), em sua quase totalidade pertencentes à seara hipocrática (à exceção dos engenheiros Eduardo Ribeiro da Costa e Luiz Cintra do Prado), "manifesto" esse que fundava a Escola Paulista de Medicina, Sociedade civil sem fins lucrativos, visando atender a dois problemas de suma importância: a ampliação do ensino médico, com a criação de mais uma "Escola", e a melhoria da assistência hospitalar, com a organização de um nosocômio privativo, que seria o seu hospital escolar.

A partir de 1933, a Capital do Estado passou a ter duas "Escolas Médicas": a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a Escola Paulista de Medicina. Octávio de Carvalho, com persistência e denodo, vencera, digno de admiração de todos os brasileiros, e de gratidão, pois ele não agiu em proveito próprio, dado

que a "Sociedade civil" que foi constituída para a fundação e manutenção desse estabelecimento de ensino superior era despida de qualquer intenção de lucro material, visando, sim, lutar pela Ciência e pela população carente dos mínimos cuidados de assistência médica. Octávio de Carvalho (1891-1973) deu, aos bandeirantes, um novo instituto de ensino médico, a Escola Paulista de Medicina, que em breve projetar-se-ia como uma das mais conceituadas Escolas Médicas do Brasil, com repercussões altamente favoráveis nos mais adiantados centros científicos de todo o mundo.

Octávio de Carvalho cercou-se do que havia de melhor no concerto médico naquela época. Em um dos nossos artigos ao JIP, citamos os nomes de todos os fundadores da neo-escola e alguns dos seguidores da primeira turma de formandos em 1938, que permaneceram na "Escola" e ajudaram o seu crescimento. Outros foram surgindo, gradativamente, e, em 1993, no seu 60º aniversário, a Escola tinha tomado foros de grandeza, dignidade, ética, características herdadas dos seus fundadores e primeiros professores. Passou a ser um orgulho das Faculdades de Medicina no país e um marco nas pesquisas científicas. Face ao seu crescimento, em 1956, ela foi federalizada no período Juscelino Kubitschek de Oliveira e, na ocasião, parti-

cipei ativamente do processo por solicitação do prof. José Maria de Freitas, então diretor da Escola Paulista de Medicina. Durante o período da federalização, fez convênios com várias Instituições, uso do Hospital São Paulo para o ensino gratuito e, com parte dele, para internações hospitalares, a Escola teve um crescimento acentuado.

Em 1962, instituímos a residência médica, tanto básica como profissional e com ela preparamos dezenas de professores de alto gabarito, e substituídos dos anteriores, normalmente. Em 1975, implantamos a pós-graduação em toda a Escola em níveis de mestrado e doutorado. A partir de então a Escola evoluiu muito com foros de internacionalização. Dezenas de professores buscaram conhecimentos em toda parte do mundo. Em 1994 ela se universalizou e recebeu o título de Unifesp. Com isso o diretor da Escola passou a ser o Reitor da Universidade e nomeou toda sua equipe, bem como o diretor clínico do Hospital São Paulo e o seu superintendente. Esse primeiro reitor permaneceu na chefia por 8 anos, portanto até 2002 para depois ser substituído pelo seu vice-reitor que ficou até 2008, sendo, há 90 dias, demissionário com toda sua equipe e, lamentavelmente, de maneira

assustadora e abrupta, deixando perplexos todos os epemistas e amigos da Escola Paulista de Medicina.

Urge uma eleição para nova reitoria, um estudo sério sobre os acontecimentos, uma reestruturação das disciplinas, uma realocação dos grandes elementos e professores de escol, aliados anteriormente, um trabalho sério de equipe para, quem sabe, poder contar, com a amizade e a boa vontade de todos que lutaram desinteressadamente - apenas pelo próprio orgulho de pertencer a uma "Escola Médica" das maiores, no conceito de toda a medicina brasileira e quiçá internacional.

Particularmente, faço esse apelo ao novo reitor, e que ele use o seu bom-senso, sua sabedoria, sua justiça revendo e corrigindo as mazelas institucionais surgidas nesses últimos anos afim de não cindir os alicerces criados há 75 anos passados, com o surgimento de uma das grandes "Escolas Médicas" deste país a Unifesp. Que Deus nos proteja.

*Prof. Titular de Urologia da Unifesp. Escola Paulista de Medicina - Prof. Honorário das Academias de Medicina de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. - Presidente Emérito da Academia Cristã de Letras - Emérito da Sociedade Brasileira de Urologia

ELEIÇÕES NA API

Cláudio Gomes / Articulista Político

A Associação Paulista de Imprensa terá, no próximo mês, eleições gerais para definir os nomes daqueles que dirigirão seus destinos nos próximos três anos. A renovação trienal atinge a diretoria, o conselho deliberativo e conselho fiscal. Há 75 anos nossa entidade se mantém viva e em pé graças ao processo democrático do sufrágio universal que permite a renovação das ideias e das pessoas num movimento de alternância que é o centro gravitacional do sistema de poder adotado nas civilizações politicamente mais avançadas, na qual podemos nos incluir com orgulho.

Toda disputa eleitoral enseja o confronto saudável de propostas e perfis dos pretendentes objetivando a avaliação e escolha pelo legítimo detentor do poder – o eleitor. No caso da API, trata-se de um eleitor muito qualificado, pois, profissional ou participe da gama enorme de atividades que envolvem a comunicação social. O associado da API é, em termos gerais, na sua essência, alguém que transforma idéias, fazendo-as fluir no espaço infinito com a liberdade que imaginamos ter os pássaros. O associado da API, em sua atividade profissional, é uma usina viva que funciona ininterruptamente, processando e produzindo uma energia invisível e, às vezes, tão poderosa e de uma densidade capaz de mudar a história, seja em sua volta – na sua rua ou no seu bairro – ou no mundo.

Os pensamentos de cada um de nós, uma vez lapidados e libertados sem censura, compõem maravilhas que nem sempre imaginamos no momento da criação ou da transformação, tornando-se em acervo universal único. Pois bem, é chegada a hora de doar um pouco de si em proveito desta entidade que há mais de sete décadas reúne, em seus quadros, artífices de uma sociedade melhor, união esta que deve proporcionar um pensar coletivo especial, colorido e único, como se fosse um mosaico de ideais diversifica-



dos que, no entanto, se combinam muito bem quando o observamos na qualidade de espectadores curiosos. Toda esta força motora precisa ser ativada e colocada a serviço dos objetivos sociais de nossa API, estejamos ou não respondendo por um car-

go.

O que são as entidades sem aqueles que dela participam? E não se trata de uma participação remunerada e regada a privilégios próprios dos governos que sustentamos e que jamais se satisfazem. Trata-se de um trabalho voluntário, sem se buscar resultado financeiro em sua contrapartida, mas, porém, com uma retribuição imaterial capaz de causar inveja ao mais abastado xeique que, mesmo dispondo de uma montanha de ouro, não a poderá possuir sem que coloque seu labor voluntário em prática.

O exercício do mandato é passageiro e, por isso, devemos nos dedicar ao máximo na medida de nossas possibilidades, uma vez que, também, torna-se gratificante o resultado positivo e eficaz. Ao mesmo tempo, a responsabilidade de quem está apenas figurando no quadro social, sem mandato, o qual irá o atribuir para os que se dispuseram a assumi-lo, talvez seja maior e mais importante para os destinos destes próximos três anos. Avaliar os candidatos, e votar, será, no entanto, apenas o primeiro passo para uma API melhor e mais representativa. Você, associado, tem o poder/dever de participar mais ativamente de tudo. Façamos com que os próximos capítulos da história sejam construídos também com nossos tijolinhos e não nos esqueçamos de que não existe atuação que possa ser mais ou menos importante. Existe atuação.

Participe das eleições da Associação Paulista de Imprensa e escreva um pouco da magnífica trajetória desta bela entidade. Alguém, certa feita, declarou com a propriedade de quem havia vivido boa parte de sua vida em cenários políticos: “Aqueles que desprezam a política e dela não participam serão sempre governados por aqueles que a enaltecem e dela participam”.

REFORMA ORTOGRÁFICA

Cap. Richards F. Chaves

Parece que, mais uma vez o Brasil, se curva diante dos imperativos que vem de fora, fato que não nos causa surpresa, pois ultimamente é o que mais temos visto por aqui. Todo mundo resolveu mandar no país do “vai da valsa”, até mesmo alguns néscios com pose de grandes líderes latino-americanos, “deitam e rolam” em cima da soberania nacional, mas parece que somente aquele que “nada vê, nada ouve e nada sabe”, não percebe essa triste realidade.

Agora caiu sobre nossas cabeças mais uma reforma ortográfica, que, com certeza, tal qual a anterior, nenhum benefício prático trará, pois não precisa ser lusitano em suas origens (como é o meu caso), para saber que as dificuldades de entendimento existentes, com relação ao português de Portugal e do Brasil, se concentram muito mais no “como se fala” do que no “como se escreve” e, com certeza, o tal acordo não vai resolver esse problema. Verdaderamente, em termos práticos, não há porque se implantar a reforma, pois o objetivo de unificação da língua não será alcançado.

A reforma ortográfica, como não poderia deixar de ser, está recebendo críticas acirradas, pois o processo de atualização dos livros pelas editoras terá um custo altíssimo. As novas regras estabelecidas tornaram obsoletos os dicionários e os livros escolares, que deverão ser revistos e atualizados, além do fato de que o povo terá que reaprender a escrever a língua pátria.

O Prof. Pasquale Cipro Neto declarou que “vamos enterrar dinheiro em uma mudança que não trará efeitos positivos” e o Prof. Cláudio Moreno afirmou que “essa ideia messiânica, utópica de que a unificação vai transformar o português em língua de relações internacionais é uma tolice”. Até mesmo o grande escritor lusitano José Saramago, Prê-



mio Nobel de Literatura em 1998, ao tomar conhecimento da reforma ortográfica, afirmou: “Vou continuar escrevendo do mesmo jeito. Isso agora vai ser com os revisores”.

Diante de tudo isso, pergunto: A quem, realmente, interessa a reforma ortográfica? Qual a sua real utilidade e, se é que tem alguma, a quem beneficiará? Obvia-

mente, deve ter gente que, de alguma forma, irá “tirar proveito” da tal reforma, afinal de contas, como vimos, o processo de revisão terá um alto custo e, portanto, envolverá muito dinheiro.

Mas parece que reforma ortográfica já começou a surtir seus efeitos, pelo menos em quem assinou a sua implantação, a partir de janeiro deste ano, no território nacional, pois, pasmem os senhores leitores: O presidente que “acha muito chato ler”, agora quer acrescentar ao seu vastíssimo “Curriculum Vitae” a profissão de jornalista, pelo menos foi o que li quando estava folheando o “Diário do Comércio”, edição de 05/02/2009: “Lula quer coluna em jornal”, com a matéria informando que o presidente “quer escrever uma coluna a ser publicada nos jornais populares”.

Espero que os artigos do presidente (escritos, provavelmente, pelo seu assessor de imprensa) tenham como pauta o esclarecimento da população brasileira a respeito dos fatos escabrosos ocorridos, sob o sol de Brasília, desde que ele assumiu a presidência, mas, com certeza, nesse caso, seu artigo será extremamente lacônico, apenas uma linha e nada mais, onde leremos: nada vi, nada ouvi e nada sei.

Quando acredito que já vi de tudo neste país e que, portanto, nada mais pode me surpreender, vem mais essa! Seria muito engraçado se não fosse no Brasil, seria cômico se eu não fosse brasileiro.

Charge do Xalberto



Eleições na API

Associado não deixe de votar.

Seu direito a voto é assegurado independentemente de estar em dia com as anuidades

Escolha com consciência! O Futuro da API esta nas suas mãos

NOTÍCIAS PARA OS PROFISSIONAIS DE IMPrensa

Sistema Antares de Comunicações/Redação

Cobrança por uso de banheiros em terminais rodoviários poderá ser proibida

Na cidade de Marília - interior de São Paulo - liminar concedida pela Justiça suspendeu, na última semana de janeiro, a cobrança da taxa de utilização de banheiros no terminal rodoviário daquela cidade. A ação foi proposta pela Defensoria Pública considerando indevido o pagamento já que todos os passageiros que utilizam os terminais rodoviários pagam, junto com a passagem, uma taxa de embarque que deve ser empregada no terminal para dar o mínimo de conforto ao usuário. De acordo com os Defensores, a cobrança da taxa de uso do banheiro é abusiva e inconstitucional, violando inclusive o princípio da dignidade humana. Já a ARTESP (Agência Reguladora do Transporte no Estado de São Paulo) informa que não existe nenhuma lei ou decreto que trate especificamente da cobrança ou não de taxa para uso de banheiro. A abusiva cobrança que revolta usuários em todo o Estado é cobrada em todos os terminais rodoviários (agora com exceção de Marília) explorados por concessionárias e, na Rodoviária da Capital, chega ao preço de R\$1,00 por utilização. Segundo especialistas, consultados pelo JIP, a cobrança da abusiva taxa acontece em função da Omissão da ARTESP e do governo do Estado, a quem caberia regular o assunto. A cobrança da taxa para uso de banheiros proporciona lucro adicional isento de qualquer custo às Concessionárias, que, ao receber o pagamento das taxas de embarque já recebem o suficiente para custear inclusive os custos de limpeza, manutenção e higiene dos banheiros.

Jornalista pede proteção à Polícia Federal

O jornalista Paulo Henrique Amorim pediu à Polícia Federal que investigue suposta perseguição contra ele e sua família "por indivíduos a mando" do banqueiro Daniel Dantas e do governador José Serra (PSDB). Disse que dará detalhes à PF. O Ministério da Justiça anunciou estar à disposição de Amorim.

Governo da Itália cancela visita de missão comercial ao Brasil

Em função da concessão do status de refugiado a Cesare Battisti, o governo da Itália cancelou missão oficial, integrada por representantes do Ministério da Saúde italiano, que viria ao Brasil para negociar acordos no setor de comércio de carnes. Entretanto, Itamaraty e fontes da embaixada italiana, negam que o cancelamento seja em função do Caso Battisti.

DICAS DA DACALA

INCOMODAR, INCOMODA! MAS É NECESSÁRIO...

Muitas pessoas fazem de tudo para não ir a uma agência bancária. E a causa é aquele incômodo e inconveniente equipamento de segurança chamado **porta eletrônica!**

Acham um vexame ser barrado à entrada do banco e ter que tirar do bolso ou da bolsa objetos de metal, aparelhos celulares, moedas e que tais. Às vezes, mesmo depois de se despojar de tudo isso, o alarme continua apitando. É nesse momento que se perde a paciência. Não dá para perceber que se trata de uma pessoa honesta, de bem? O nervosismo cresce à medida que as tentativas vão se acumulando, assim como a fila dos que querem entrar e dos que querem sair...

Será que não dá para abolir esse troço estúpido que não existia até há bem pouco tempo?

Não. Não dá. Pelo menos enquanto não se desenvolver um equipamento mais sutil e sofisticado que iniba os assaltantes. Objetará alguém: "Essa parafernália só inferniza a

vida dos cidadãos honestos, pois os bandidos conseguem burlá-la e entrar!" Até tem razão. Mas só em parte. A verdade é que o mundo do crime se compõe de camadas superpostas. Na base estão os "ladroezinhos de meia pataca", os "pé-de-chinelo", os

"oportunistas", que atacam na linha de menor resistência. Para estes, a barreira eletrônica funciona: dados da FEBRABAN mostram que os assaltos a bancos caíram de **1.903** casos em 2000, para apenas **639** em 2006.

No topo, porém, estão as **organizações criminosas**, verdadeiras empresas que se dedicam exclusivamente ao crime e dispõem de serviços de

inteligência, de pesquisa e desenvolvimento e até mesmo de "gestão de qualidade"! "Nós até fazemos *conference calls entre presidios*" disse textualmente Marcola, o líder do PCC! Para combater estes, todos os esforços – da polícia, das empresas de segurança privada e dos cidadãos – são válidos e necessários. Mesmo uma incômoda e até "burra" **porta eletrônica!**



PARA SUA EFETIVA SEGURANÇA, CONFIE NA DACALA!

Matriz: Av. Vereador José Diniz 3700 – Campo Belo – São Paulo
www.dacala.com.br - (11) 5543-5701 – 5041-8411 – 5041-0467

Outras empresas do grupo:

DACALA SEGURANÇA ELETRÔNICA

DACALA SERVIÇOS GERAIS – DACALA EXPRESS – DACALA EVENTOS

A questão dos APOSENTADOS e PENSIONISTAS...

Rosa Maria Custodio



Que país é este??? que não respeita a vida, que não zela pelo bem-estar das pessoas???

- É o Brasil do século XXI!!! Triste verdade, face perversa da nossa realidade!

O Brasil, como nação, consegue enganar gregos e troianos. Famoso, e até bem querido, no mundo inteiro, pelo seu ar de Hospitaleiro, com seu Carnaval, seu Samba, seu Futebol, seu Café, e etc., ainda recolhe dividendos de um tempo que não existe mais! Enquanto isso, espertalhões travestidos de gente de fino trato, engordam nos opulentos banquetes custeados com o suor e as lágrimas dos trabalhadores que sobrevivem nos baixos escalões sociais, assim como sobreviviam os escravos nas senzalas...

O Brasil da impunidade, hoje vive de braços dados com a bandidagem. Ninguém sabe quem vai ser a próxima vítima - criança, jovem ou velho, todos estão na mira - pois, **Segurança**, assim como **Saúde**, **Educação**, **Assistência e Previdência Social**, são apenas adornos empolados de um discurso vazio de conteúdo, mas muito útil nas campanhas eleitoreiras, quando, travestidos de homens públicos, os *rattus norvegicus* expõem a sua afinadíssima arte da oratória (pura falácia), transmitida de pai para filho, ou afilhados, num ritual de obediência e cumplicidade perpétua. Assim, os murídeos, dos tempos atuais - bem nutridos, abastados e encastelados, que só andam em carros blindados, e bem acobertados pelos seus apaniguados - vivem como se fossem imortais...

Enquanto isso - depois de décadas de trabalho realizado em prol de um mundo melhor, mais desenvolvido, mais confortável, mais rico e abastado - os trabalhadores, sugados na sua vitalidade, saúde e energia, são descartados e, ironicamente, classificados como cidadãos da *melhor idade*. Sem vitalidade, sem saúde, sem energia, eles são, na sua maioria, contemplados com a sonhada, e tantas vezes idealizada, **Liberdade**... Exatamente como foram contemplados com a alforria os escravos, que, uma vez libertos, compreenderam que estavam na miséria, sem eira nem beira, sem garantias, sem respeito, sem nada.

Os aposentados brasileiros - que construíram o país que hoje é pujante no cenário econômico internacional e até exercita o papel de mecenas do desenvolvimento de alguns países Latino Americanos - estão abandonados à própria sorte, gastando suas últimas energias e suas parcas economias na tentativa de se tornarem visíveis aos olhos dos homens públicos (do Judiciário, Legislativo, Executivo), e até de representantes da Imprensa. Humilha-

dos e desrespeitados, eles imploram atenção: querem ser ouvidos, e ressarcidos por tudo o que fizeram nos anos de produtividade, quando deram tudo o que podiam para o crescimento desta nação que, hoje, desrespeita seus fundamentais direitos. Direitos que estão assegurados na Constituição, mas

que, nem por isso são cumpridos, pois, graças às artimanhas da tecnocracia vigente e os desejos dos governantes de plantão, tornam-se passíveis de interpretações, contestações, recursos extraordinários e demais medidas jurídicas de proteção. Com muita assiduidade, essas medidas são utilizadas contra aposentados e pensionistas - que nem sempre sobrevivem para usufruir ou conhecer melhor destino aos seus direitos...

Até dezembro de 1991, o reajuste do pagamento dos aposentados e pensionistas era equivalente ao reajuste do salário mínimo. A partir de 1992, começou a decrescer... Em 18 anos, a diferença, para menos, chegou ao patamar de 105,20%. O que se constata facilmente é que os aposentados e pensionistas estão vivendo na maior penúria, pois não têm a quem recorrer. Afinal, que tipo de greve ou movimento efetivo podem fazer os aposentados e pensionistas? As **Leis** de proteção aos trabalhadores - que deveriam diminuir as diferenças entre os cidadãos de um país que se diz democrático - estão sendo descumpridas e substituídas por outras que apenas acentuam as desigualdades. Um exemplo gritante é o fator tarifário utilizado para reajustar, diferentemente, os proventos dos aposentados e pensionistas e o salário mínimo. Ainda mais absurdas, são as aposentadorias milionárias concedidas aos parlamentares com um mínimo de tempo de trabalho.

O Projeto de Lei nº. 3299, é uma tentativa de se fazer justiça aos idosos deste país. Este projeto visa a recuperação do poder aquisitivo dos aposentados e pensionistas, desde a época da concessão dos benefícios. Já foi aprovado no Senado e agora está para ser votado na Câmara dos Deputados.

Na Câmara, o Brasil terá a oportunidade de corrigir essa grande injustiça, se os representantes do povo tiverem sensibilidade e votarem em favor dos mais elementares direitos daqueles que, ao longo de suas vidas, contribuíram, e estão contribuindo, para assegurar o pagamento e manutenção, inclusive, das milionárias aposentadorias dos parlamentares.

A vida tem suas próprias leis e todos envelhecem. O poder é passageiro, e a irresponsabilidade de hoje pode ser cobrada amanhã.

A crise e a Justiça

Des. Henrique Nelson Calandra / Presidente da APAMAGIS



O final do século XX e a primeira década do novo milênio reservaram profundas alterações no panorama global.

De um lado, houve a queda do odioso Muro de Berlim, o fim da Guerra Fria e o avanço sem precedente das comunicações; de outra banda, o período foi marcado pelo acirramento de tensões locais com repercussões globais (notadamente no Oriente Médio e África), pelos efeitos deletérios do aquecimento global e pelo recrudescimento do terrorismo.

Parece evidente o ingresso numa nova Era, com reflexos em todos os campos do conhecimento.

A par de todos os fatos descritos, há ainda outro agravante. A maior potência econômica mundial, Estados Unidos da América, é o epicentro de uma das maiores crises que a humanidade já experimentou. Toda ela foi gerada no plano intelectual; irresponsabilidade em operações financeiras, fizeram desabar uma estrutura que parecia sólida. O pior dos atentados não foi no campo físico, foi engendrado e executado no campo das idéias. Os índices de desemprego aumentam velozmente e ultrapassam as fronteiras alcançando todos os continentes.

Assistimos os líderes das nações mais desenvolvidas buscando caminhos para minimizar os nefastos efeitos para as pessoas.

A História se constrói de eventos como os que estamos protagonizando. Grande parte das esperanças do mundo está depositada nas mãos de uma pessoa: Barack Hussein Obama, eleito com o mote "Sim, nós podemos". Quis o destino que essa figura viesse repleta de simbologia e que mais paradigmas fossem quebrados. Tudo numa velocidade absolutamente vertiginosa, outra característica dos novos tempos: tudo é muito mais célere.

Afinal, Obama é negro, num país que ainda convive com intolerância racial propagada por entidades como a Ku Klux Klan.

Ele possui, ainda que longínqua, ascendência muçulmana. Basta lembrar os ataques promovidos pela Al Qaeda para sentir a tensão que ainda orbita entre os norteamericanos e que os fizeram apoiar a invasão do Iraque e a Guerra do Afeganistão. Os cidadãos desconsideraram antigos preconceitos e acreditaram ser possível mudar.

As alterações no panorama mundial certamente terão reflexos no Brasil. Precisaremos conviver com mudanças abruptas na economia, nas relações comerciais e em diversos outros setores importantes.

O Judiciário de São Paulo, que já convive com uma crise de grandes proporções, precisará enfrentar novos obstáculos. Temos um

acervo de quase 20 milhões de processos e o número cresce a cada dia. De outro lado, as verbas repassadas pelo Executivo são cortadas ano a ano.

Além disso, a crise mundial terá nefastas repercussões. Afinal, vários pontos controvertidos, oriundos das mencionadas mudanças

de paradigmas, serão trazidos para a Justiça.

A capacidade dos Magistrados de São Paulo é impressionante, a despeito das condições adversas de trabalho. Um exemplo vem de Ribeirão Preto e pelo qual o Juiz João Gandini foi agraciado pelo Prêmio Innovare, recebido das mãos do Vice-Presidente da República em solenidade no Palácio do Planalto.

O premiado e o Juiz Julio Cesar Spoladore, apesar de contarem com um acervo de 80 mil processos, verificaram que várias decisões judiciais atinentes à reintegração do Município em terras ocupadas pela comunidade mais carente - pessoas faveladas - não alcançavam a eficácia almejada, ou seja, tramitava há quase 20 anos, sem nenhuma solução.

Ambos encontraram tempo e energia - sabe-se lá onde - e estudaram detalhadamente os casos, debateram com entes públicos e interessados e finalmente criaram um projeto, reunindo vários segmentos importantes, com o foco em eliminar as favelas da cidade de Ribeirão Preto.

Os resultados começam a surpreender aquele Município. Pessoas recobram o sentimento de cidadania. Diminuem índices de analfabetismo, de tráfico e consumo de drogas, de criminalidade e de desnutrição.

Se isso foi possível sem infra-estrutura adequada e com um acervo de processos absolutamente incompatível, quais os limites para um Judiciário dotado de instrumentos mais ágeis, com funcionários mais bem treinados e com novas diretrizes?

É por isso que, quando se luta pela autonomia financeira do Judiciário, busca-se em verdade fomentar em grande escala ações como essa de Ribeirão e tantas outras que existem em várias comarcas espalhadas por todo o Estado de São Paulo.

Se é verdade que a crise mundial mudará paradigmas, igualmente correta é assertiva de que apenas a solução dos problemas locais mudará a realidade de nosso país.

É preciso desenvolver mecanismos eficientes de solução de conflitos e, principalmente, evitar que novos conflitos se instalem.

Quem, como nós, conhece o potencial dos Magistrados de São Paulo seguramente sabe que é possível não apenas vencer os milhões de processos que entopem os escaninhos. É possível mudar os paradigmas e efetivamente distribuir Justiça?

Usando a citação de Barack Obama, "Sim, nós podemos!"



API sob nova direção

TCel Ricardo Jacob / Jornalista

A alternância do poder, em qualquer associação, sindicato, entidade representativa de classe, governo, etc, é salutar, mas impõe, aos novos administradores, uma grande decisão, a ser tomada imediatamente após o pleito e a posse propriamente dita: Continuar na mesma trilha traçada pelo antigo mandatário ou romper com o passado e buscar “Novos Rumos”.

Os eleitores, geralmente ávidos por mudanças, esperam ansiosos pela plena satisfação de seus anseios, que somente virá com decisões rápidas e enérgicas, pois somente assim os “novos administradores” mostrarão, àqueles que neles confiaram, seus reais objetivos.

Não se pode, num mundo globalizado como o de hoje, em pleno século XXI, gerir uma empresa moderna sem ter em mente a necessidade de respostas rápidas, pensadas e discutidas “on-line”, com os responsáveis legais pela decisão tomada, mesmo um estando, supostamente, em Tóquio e os demais espalhados pelo Planeta; a tecnologia trouxe para nós a “onipresença dos bem intencionados”.

A assertiva acima pode até parecer demagógica, mas será uma obstinação dos novos diretores e voluntários da API, pois somente assim, todos unidos em torno de um único ideal, transformaremos os próximos três anos de mandato, com a nova diretoria eleita, em um período de renovação, afirmação da categoria e, principalmente, de atitudes direcionadas à recolocação da API no lugar de onde nunca deveria ter saído: No mediastino médio do peito de cada profissional, ou seja, no seu coração.

Nosso trabalho não será, tão somente, direcionado ao enfrentamento dos problemas financeiros em época de crise, mas, basicamente, na quebra de paradigmas, com a necessária aproximação com o Sindicato, com os Jornais de grande circulação e com os Jornais Regionais, enfim, com o intercâmbio com toda a classe em prol de todos nós, sempre com a visão de bem informar e prestar serviços relevantes e de interesse da sociedade brasileira.



Transformar a mentalidade reativa em administração pró-ativa, com o envolvimento da categoria, com a verdade sendo dita (“doa a quem doer”), com respeito à legislação, porém tendo em mente que a obrigação de informar, garantida na Carta Magna da Nação, será realizada sem sensacionalismo e com pleno comprometimento com a verdade.

Não podemos esquecer da imagem que a imprensa mundial fez questão de veicular, mostrando que o atual Presidente dos Estados Unidos, Sr. Barac Obama, é um gestor “antenido” e “plugado” 24 horas por dia, tendo à sua disposição toda a parafernália eletrônica, que ele, consciente ou inconscientemente fez absoluta questão de usar e mostrar que a está usando em benefício da população mundial.

A “Associação Paulista de Imprensa” (API) é uma instituição que não pode fugir à regra e, assim, quando nos avizinhamos de um pleito como o de março próximo, pontos de vistas e visões contrastantes devem ser, sem exceção, amplamente debatidas com os eleitores, pois conforme documento elaborado pelo atual Presidente, Sr. João Batista (publicado nesta edição), todos os sócios da entidade foram anistiados e, portanto, todos reúnem condições legais para votar e serem votados.

A Chapa, na qual sou candidato à Vice-Presidente, já manifestou publicamente a intenção de concorrer nas próximas eleições. Fui honrado com o convite do meu futuro Presidente, **Costa Carregosa**, e não poderia fugir à responsabilidade de ombrear com essa figura tradicional e respeitada no cenário jornalístico. Como auxiliar do Presidente serei discreto e disciplinado, como Soldado que sou desde os quinze anos de idade, porém serei combativo na defesa dos ideais de liberdade e condições dignas de trabalho para a laboriosa classe, que passarei a representar, caso a nossa Chapa seja a vencedora. Seremos eleitos para servir a API e não para nos servirmos dela. Não seremos carregados pela categoria e nem viveremos das glórias do passado.

Doutor, como está a minha língua?

Maria Nazareth Dória / Escritora

O assunto do momento é a reforma ortográfica no Brasil, assinada pelo presidente da república em 29/09/2008 para vigorar a partir de 01/01/2009. Ao tomar conhecimento do fato, pensei: Pelo andar da carruagem quem antes já não escrevia bem, agora está perdido! Como ficarão os “currículos” daqueles que estão procurando trabalho? Será que serão analisados à luz da reforma ortográfica? Currículo escrito fora dos parâmetros, agora, estabelecidos, vão para o arquivo?

No Brasil tudo vem de cima para baixo e despenca em nossas cabeças. Os governantes tomam decisões que interferem em nossas vidas e nem sequer nos consultam. O pior de tudo é que quem assinou a tal reforma, com certeza, desconhece como era e, agora, não sabe como ficou e continuará ignorando, pois segundo suas próprias palavras: “Ler é chato”. Verdade seja dita, mais engraçadas do que as respostas absurdas que vemos no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e nos Exames Vestibulares, são as “pérolas do presidente”, mas vamos enaltecer o seu interesse em melhorar a educação dos brasileiros, afinal de contas, cultura nunca é demais, então, vamos aprender com ele: “mais será que nós vamos consigui”.

Afinal de contas, qual o benefício dessa reforma? Será que “tirando” o trema, os acentos e o hífen, os problemas que atormentam os brasileiros, tais como saúde, educação, segurança, serão solucionados? Se tudo vai ficar do jeito que está, então que se dane a tal reforma ortográfica, mesmo porque a maioria dos brasileiros não sabe o que é trema ou hífen, fala errado e, desgraça-



damente, também, vota errado.

Uma coisa tenho que reconhecer: A reforma ortográfica foi importante na medida em que fez com que o povo esquecesse, pelo menos temporariamente, a crise financeira internacional. Preocupadas

como passarão a escrever, as pessoas nem estão percebendo o número assustador de trabalhadores que já perderam seus empregos. A queda da produção, as demissões e as férias coletivas estão acontecendo de forma assustadora. A previsão é de que, em 2009, cerca de 365 mil brasileiros estarão desempregados.

Nossas “competentes” autoridades governamentais declaram que não há motivo para preocupação, pois o país está bem, mas estamos vendo que a realidade é outra. No ano passado o presidente lula afirmou que a crise financeira internacional chegaria no Brasil como uma “marolinha”, mas parece que a “ondinha” pode se transformar em um “tsunami”, e se isso acontecer, acreditem, as maiores vítimas serão os trabalhadores.

Não há seriedade por parte das autoridades, que se dirigem aos brasileiros como se todos fossem imbecis, são as mesmas “baboseiras” de sempre: O Brasil vai cada vez melhor, a taxa de desemprego diminuiu, a inflação caiu, a mesa do brasileiro está farta, o salário mínimo é o maior de todos os tempos, o assalariado mínimo pode manter tranquilamente (com ou sem trema) uma família de quatro pessoas, viver com dignidade e até guardar alguma coisa! Isso, naturalmente, se ele se adaptar as novas mudanças e não confundir os sinais ortográficos.

NOTÍCIAS PARA OS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA

Antares / da Redação

Juiz pede a advogado que fez petição de 130 páginas que tenha consciência

O juiz da 3ª Vara Cível de Porto Alegre (RS), Mauro Caum, determinou a um advogado, que elaborou petição inicial de 130 páginas, que resumisse o texto em dez linhas e informasse quais eram os pedidos. “Recebo, por dia, cerca

de 15 novas petições (...). Some-se a isso que tramita, em toda a Vara, algo em torno de 13 mil processos (...). São razões sobejas que me impedem de ler uma inicial de 130 folhas, maior que muito livro”, ressaltou o magistrado. Ele ainda diz que as partes precisam ter a necessária consciência de que juiz é um ser

humano, de quem se exige rapidez na prestação dos serviços.

Em Maceió bar vendia até a pilula do dia seguinte

Um bar em Maceió (AL), que oferecia, no cardápio, comprimidos de antiácidos e analgésicos e unidades da pilula do dia seguinte,

que só pode ser vendida com prescrição, foi multado pela Vigilância Sanitária. Segundo o órgão, a venda de remédios, mesmo os que não exijam prescrição médica, só pode ser feita por farmácias e drogarias. O estabelecimento foi multado pelo órgão em R\$ 298. Em caso de reincidência, o bar pode ser interdito.

Jornalismo investigativo: Percival de Souza dá show

JB Oliveira

Era dia 26 de janeiro, uma segunda feira, e chovia muito. Apesar disso, o auditório da API estava lotado de jornalistas, estudantes de jornalismo e pessoas interessadas no tema: **“Jornalismo Investigativo: sua importância para a sociedade”**. Além do Presidente, estavam presentes vários diretores, conselheiros e assessores. O presidente J. B. Oliveira, após discorrer brevemente sobre a API, sua história, sua tradição e seus feitos, apresentou seu amigo de longa data, **Percival de Souza**, jornalista, comentarista da TV Record



e da Tribuna do Direito, criminólogo e escritor, autor de 16 livros e ganhador de quatro Prêmios Esso de Jornalismo. Disse que era uma grande honra para a “Casa do Jornalista de São Paulo” receber tão ilustre colega, exemplo de profissional sério, ético, equilibrado, sem apelação sensacionalista e profundo conhecedor do assunto, vez que milita nessa área há muitos anos.

Falando com naturalidade e fluência, Percival de Souza começou por cumprimentar a API por tudo o que tem desenvolvido, lembrando que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo teve seu berço nesta casa. A seguir, declarou com muita firmeza e franqueza: *“Já cheguei a uma idade em que posso falar tudo aquilo que quero, sem nenhuma reserva”*. Dirigiu espe-

cial atenção para o grande grupo de jovens estudantes de jornalismo – em sua maioria das Faculdades Integradas Rio Branco – que fizeram questão de comparecer ao evento. *“O jornalismo investigativo tem papel relevante na sociedade brasileira contemporânea, porque dele depende, e muito, a revelação de fatos, principalmente dos graves. É precisamente quando há esquemas no sentido de ocultar fatos, encobrir notícias, porque algumas pessoas não querem que a sociedade tome conhecimento delas, que entra o jornalismo investigativo, para fazer com que as informações venham à tona.”* Segundo ele, o jornalista deve procurar ampliar seus conhecimentos para que tenha condições tanto de apurar bem



os fatos como de descrevê-los. *“Existem jornalistas que até sabem proceder à apuração de fatos, mas não sabem descrevê-los”*, confidenciou. *“Essa atividade investigativa é uma técnica. É necessário saber pesquisar, investigar, buscar boas fontes e saber trabalhar com as informações e com os documentos. Outra qualidade indispensável é a sensibilidade, sem o que o profissional não evoluirá na carreira. Sei de casos de colegas que começaram como “foca” e continuaram sendo “foca” a vida toda!”*. À guisa de ilustração, citou episódio ocorrido na época em que trabalhava em um grande jornal de São Paulo. O redator-chefe designou um “foca” para ir ao aeroporto entrevistar determinada autoridade que por ali pas-



saria. *“Ligue-me de lá, porque vou deixar o espaço aberto para inserir a matéria”*, recomendou. Depois de um bom tempo, liga o “foca”: - *“Chefe, sinto muito, mas não vai haver matéria!”*. O redator indaga entre surpresa e aflito: - *“Não vai haver a matéria por quê???”* - *“Por que o avião em que vinha a tal autoridade caiu e morreram todos. É por isso que não há matéria!!!”*.

Dessa forma, dosando sólidas informações com pitadas de fino humor, Percival de Souza conseguiu agradar a todos, impressionando por seu alto grau de cultura e erudição, tendo, ao longo da palestra, citado: Tom Wolf, Truman Capote, Albert Camus, Mário Quintana, José Saramago, Eça de Queirós, Sêneca, Sócrates, Platão e a grande referência em jornalismo Fraser Bond. Ao encerramento de sua eloquente fala, o decano da casa e Presidente do Conselho Deliberativo Adolfo Gilioli, entregou-lhe um livro de sua autoria. O Presidente J. B. Oliveira, em nome da API, passou às suas mãos o Diploma de Gratidão, agradeceu a todos os presentes, destacou o comparecimento da equipe do jornal Semanário da Zona Norte, do colega João Carlos Dias – que publicará a notícia em sua próxima edição – e encerrou a agradável reunião, concluindo que não foi apenas uma palestra, mas um verdadeiro show de comunicação e uma aula magna de jornalismo investigativo.

Tribunal de Justiça Militar ocupará antiga sede da Gazeta, na Cásper Líbero

O prédio em que esteve instalado, por muitos anos, os jornais “A GAZETA” e “A GAZETA ESPORTIVA”, na avenida Cásper Líbero, no centro da capital, vai ser a sede da **Justiça Militar da União - Segunda Circunscrição Militar**. No dia 22 de janeiro, estiveram em São Paulo o Ministro Presidente do Superior Tribunal Militar, Tenente Brigadeiro do Ar **Flávio de**

Oliveira Lencastre e o Ministro **Flávio Bierrenbach**, que fez brilhante alocação enaltecendo Cásper Líbero como símbolo do jornalismo realizador e comprometido com a sociedade. A API foi convidada oficialmente para participar do evento. O presidente usou a palavra, agradecendo a homenagem prestada ao jornalismo de São Paulo.



Presidente da API entrevista Comandante Geral da PM de São Paulo



Em entrevista exclusiva publicada nesta edição o comandante Geral da PM falou sobre o controle sobre os distúrbios de Paraisópolis.



Concentração de mercados

Victor Barau Rojas / Analista econômico

Verificamos que estamos resumidos a menos de dez bancos comerciais múltiplos que atendem a maioria do território nacional. Estamos vendo inúmeros fluxos de capital governamental, em nome da liquidez a esses bancos, condicionados ao repasse do dinheiro para a liquidez das grandes empresas. O BNDES anunciando linhas de financiamentos monumentais, afim de evitarem-se o desemprego e a queda da produção. São bilhões pra todo o lado, mas de pratico o que vemos são apenas a consolidação das posições das mega empresas e dos mega capitais, em detrimento do que realmente deveria acontecer, ou seja acordos e estratégias para diminuir a crise para a grande população.

O presidente Lula assumiu o papel do bufão otimista em nome de uma alegria que não existe mais. Faz questão de exibir as pesquisas de popularidade no mínimo suspeitas, o Mantega sempre vindo a publico para anunciar o quase nada, e o presidente Meirelles, depois de engulir os sapos e pressões, sumiu estrategicamente e está prestes a ser substituído. Culpam-se os juro basicos da economia, culpa-se o spread dos bancos, culpam-se os impostos, enfim culpa-se de tudo o que não serve aos mega interesses dos grandes grupos que, em nome da liderança de mercado, cada vez mais concentram o poder economico nas mãos de poucas pessoas.

Os mega bancos seletivam cada vez mais os empréstimos para cada vez menos empresas, claro que em nome da segurança e da liquidez, e enquanto isso os pequenos empresarios se perguntam quando chegará o seu dia de benesses. Vemos o BB querendo ser o primeiro da fila comprando o BV, que por sua vez comprou a Aracruz e ficou com o dominio de mercado da celulose, para somar ao dominio do aluminio e do cimento. Temos o dominio eterno de mercado do petroleo, pagando uma das gasolinas mais caras do mundo, o do minério de ferro passando pelo dominio do aço, das empresas montadoras, dos mega supermercados, da telefonia fixa e celular e, por fim, somente vemos e ouvimos anuncios das Casas Bahia, e apenas em alguns intervalos a fofa e simpática Luiza.

Nestas ultimas quinze linhas, descrevemos praticamente o mercado todo, pois todos os demais segmentos dependem dessas megas estruturas bancárias, industriais ou comerciais, fazendo os simples mortais prisioneiros do que já está previamente marcado ou repassado para os milhões de desempregados, que terão que novamente passar pelos vexames costumeiros da inadimplência e da falência. O Bradesco já anunciou a diminuição de seus lucros, e desde já, por conta das reservas contingenciais para atender os maus pagadores, ou seja, essas estruturas não vão nem de perto sofrer alguma consequencia negativa, a não ser a queda das suas atividades, perfeitamente adequadas. Esta tendência de concentração de capital é, para muitos, impossivel de reverter, mas se não houverem providencias nesse sentido, será cada vez mais negativa para os interesses das pessoas comuns, criando apenas as castas dos privilegiados e donos do poder e gerando do outro lado uma grande massa com habitos de consumo e de investimento permanentemente manipulados.

Seria conveniente criar uma economia menos preocupada com os numeros financeiros e da contabilidade global, e começarmos a nos preocupar com a criação imediata de condições para todos os pequenos empreendimentos possíveis, e incentivar a todos os profissionais a produzir bens e riquezas para os seus proprios sustentos. Nada de assistencialismo, mas tambem nada de intervenções, extorsões e imposições, ideal este já imaginado no passado, afim de gerar desenvolvimento e tranquilidade para todas as relações profissionais, pessoais e familiares. Em nome da economia de mercado, já foram cometidos inúmeros absurdos, dos quais já estamos pagando a conta de forma bem amarga há muito tempo, e já fizemos o necessário sacrificio para termos uma moeda estável.

Todos nós, de um jeito ou de outro, estamos contribuindo para o país melhorar e, cada vez mais, há menos espaço para as irresponsabilidades, para a corrupção e para se jogarem riquezas na lata do lixo, como infelizmente nosso país é campeão. Está mais do que na hora de se ter uma conduta ética e inteligente que venha a fazer este país vir a ser o que merece.



Foco na LITERATURA e nas ARTES

Rosa Maria Custodio

Sempre haverá em nossas vidas, um passado de lembranças, um presente efêmero de alegrias e um futuro cheio de esperanças... Walter Argento

Walter Argento - presidente do Movimento Poético Nacional - em entrevista recente, declarou que nasceu fazendo poesia:

(...)
*Como eu nasci espertinho,
quis fazer uma surpresa
a todos que me rodeavam...
Sem que ninguém percebesse,
contraí o meu beicinho,
e declamei num tom baixinho:
uma trova e um versinho...*

(...)

O menino poeta cresceu com a “mania de rabiscar frases e pensamentos, nas paredes do quarto e da sala...”

Na adolescência, expressava sua arte em “quadras” e “versinhos”, e julgava que Poesia era missão dos grandes vultos, como Bilac, Casimiro, Castro Alves, Fagundes, Raimundo, Guerra, etc.

Mas, aos 17 anos, com o início da Segunda Guerra Mundial, e com as notícias perturbadoras que chegavam, passou a registrar o tema em forma de poema:

(...) *Entes queridos
foram abatidos,
na traição...
Ergueu-se então,
jurou castigo
ao inimigo
que trouxe pranto
por todo canto
de sua existência.*

Maledicência...

*Movimentou
e mobilizou
toda energia
que possuía...*

*Assim armado,
qual um soldado
Entrou na luta... (...)*

A juventude, que ele rememora com emoção e saudade, foi bem vivida, com momentos inesquecíveis de felicidade, amor e ternura.

Aos 20 anos, no final da Guerra, já versado, mostrava sua arte poética em forma de soneto:

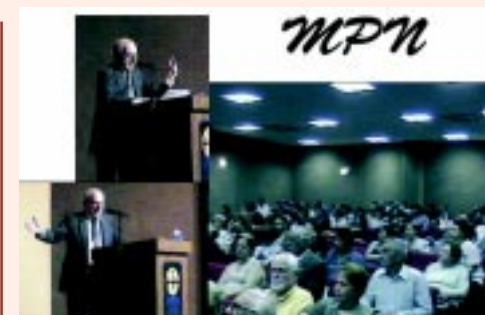
O Ditador

*Cobiça, audácia e desumana afronta,
o gesto insano do vilão encerra...
destrói a Paz, que nunca mais se encontra,
enquanto alude mil razões de guerra...*

*Embora flua a trama do vergalho,
e enquanto sofre o peso da opressão,
o Povo parte em busca dum atalho,
na força arguta e livre da nação.*

*Ao longo do processo, o jugo e a morte:
a todos abandona à própria sorte,
e a crença nos valores se mantêm!*

*Enquanto a ditadura tolhe os gritos,
rejeita brados e instâncias dos aflitos,
O SURTO LIBERTÁRIO LOGO VÊM!*



Walter Argento - presidente do MPN

Para um poeta, a vida sem poesia não tem razão de ser. Walter Argento explica: “Poesia é a expressão da alma. É a expressão explícita do intelecto e do coração do poeta. Poesia é êxtase, súplica, sedução, amor, saudade, nostalgia e fé.” Aos 25 anos, ele já defendia, em forma de soneto, a sua tese:

Poesia

*Poesia é amor, ideia, sentimento
de quem procura, acaso, o devaneio.
É força que arrebatava, num momento,
do inerte coração, frustrado anseio.*

*Poesia é luz, é som, é filigrana,
produto dos espaços siderais!
É arte que se inspira, soberana,
na substância dos amores sensuais!*

*É a gota que transborda os oceanos,
orvalho que umedece os corações,
no extravasar de tantas emoções!*

*É balsamo que cura os desenganos,
é vida que palpita, é fantasia,
é o mundo resumido. Tudo é poesia!*

Ao longo da vida, a poesia lhe abriu muitas portas: foi líder estudantil, fundou Grêmios e Associações Literárias, publicou artigos, crônicas e poesias e fez muitos amigos. Com seus versos, ele vive, sonha, participa, expressa seus sentimentos, pensamentos, ideais, e seu querer:

Quero...

*Multiplicar o tempo disponível,
neste minuto, a sós, no meu recanto;
olhar a terra, o sol, o vento incrível,
para encaixá-los, todos, no meu canto!*

*Não há mais tempo, além deste minuto,
nem um momento além, neste meu templo;
a terra eu vejo, o sol me aquece, escuto
o vento: a natureza é mãe e exemplo!*

*Antes que finde universal essência,
lutar, lutar em prol da ecologia,
da qual o mundo inteiro tem carência...*

*Fazer deste minuto, o grande instante,
gozar desta visão toda alegria,
e ser, da natureza, o eterno amante!*

A oportunidade da transformação

Cosme Felix *



A Associação Paulista da Imprensa tem um papel importante não só para os comunicadores, mas para a população em geral, pois é uma instituição comprometida com a ética jornalística, que se reflete na informação e orienta a população em suas reflexões no dia a dia.

A proposta da **Chapa Novos Rumos** é uma oportunidade impar para a classe jornalística de descentralizar o poder dos grandes monopólios da imprensa, e abrir espaços para novos veículos, em todas as suas categorias, que querem informar e documentar os fatos com isenção, através de registros fidelíssimos, e assim afirmar a importância da comunicação.

Os profissionais da comunicação tem o direito de embarcar na nave moderna da nova era, pois são os arautos expressivos da vontade do povo, independente de suas classes sociais, econômicas ou culturais, e merecem a restauração desta instituição que, com mais de setenta anos de existência, vem afirmando a resistência desta categoria profissional.

Como idealizador e fundador de um jornal com duas décadas, sei claramente das dificuldades de se estabelecer em meio a uma população que não tem recursos financeiros para obter jornais e revistas especializadas e, pior ainda, não tem o hábito da leitura - o que dificulta ainda

mais a disseminação de informações importantes para a formação mais precisa de idéias sobre assuntos específicos. Por isto, vejo na Chapa Novos Rumos uma possibilidade real de um norte, ou seja, um novo rumo, para os profissionais da comunicação como um todo, do fotógrafo ao impressor, passando por escritores, reportes, editores, contínuos, etc.

Por ter ocupado diversas funções em minhas experiências profissionais - assim como a maioria de nossos companheiros da Chapa, que são profissionais experientes e resistem firme na tarefa gloriosa de fazer comunicação social e garantir a qualidade da imprensa - vejo que é preciso, principalmente na imprensa paulista, criar novos caminhos para libertar das dificuldades os profissionais que hoje, com a centralização das grandes empresas, se encontram sem condições de exercer o seu trabalho e oferecer à sociedade informações mais diversificadas e equilibradas.

Estar na **Chapa Novos Rumos** significa ter a oportunidade de mudar e, mais ainda, garantir o futuro desta classe tão importante que vem prestando um serviço primordial na diáspora do povo paulistano e paulista, e por que não dizer do planeta, visto sermos parte integrante do mundo globalizado?!

**Diretor fundador do jornal U&CTribuna AfroBrasileira, presidente da OEAB, diretor do colégio Ramos de Azevedo*

Eleição é...

William Siniscalchi



O processo de escolha dos dirigentes de um país ou instituição, através do voto de seus cidadãos ou membros.

A forma pela qual as pessoas escolhem, através do voto, alguém para ocupar um cargo e desempenhar uma função.

A forma pela qual as pessoas, em uma sociedade, escolhem politicamente candidatas ou partidos por meio do voto

Todo processo pelo qual um grupo designa um de seus integrantes para ocupar um cargo por meio de votação.

Seja um processo de escolha ou uma forma de manifestação de vontades, a eleição é antes de tudo a definição de um futuro baseado no passado das pessoas. É o futuro de uma nação, de um clube, de um condomínio, ou de uma associação. Quantas vezes não nos arrependemos de escolhas passadas, que doem, só de pensar no porque fizemos esta ou aquela escolha, sem saber quem elas eram e porque estavam concorrendo.

Seria ingenuidade dizer que, mesmo com muito esforço, sabemos exatamente quem é a pessoa de nossa escolha para exercer determinado cargo. Mas, analisar quem nós não podemos ter naquele lugar é muito mais fácil, é só analisar seu passado, suas origens, sua história de vida dentro da instituição da qual o candidato quer representar, e definir o futuro dela e de seus participantes.

A nossa política de escolha vem permeada de uma série de filtros pessoais, que, às vezes, nos faz escolher representantes, que talvez sejam extremamente capacitadas como

profissionais da área de comunicação, mas não tem o menor cacoete para exercer um administrativo ou representativo de uma categoria, a qual necessita cada vez mais do um reconhecimento profissional perdido há muito tempo.

Talvez eu possa ser definido como uma pessoa ingênua ao fazer parte de um processo de escolha (e de representatividade), numa instituição com uma história invejável na luta pelo futuro da categoria "IMPRESA", pai esquecido do Sindicato dos jornalistas, mas a mais democrática voz do profissional de imprensa.

Acima de tudo, ao nos definir por determinado representante, devemos considerar o perfil ético perante a profissão, perante a associação e a sociedade, no seu dia a dia. O jornalista sabe se portar, até por dever de ofício, portanto deve ser recebido na sua casa como tal. Um profissional, na acepção da palavra. Cada associado é uma peça chave na formação do futuro da profissão e de suas representações.

API - Associação Paulista de Imprensa - tem que ser o berço das atividades da Imprensa do Estado de São Paulo, para que se possa voltar aos tempos em que ser jornalista não era moda, e sim vocação para informar às pessoas o que realmente interessa e de forma verdadeira. Como sempre é citado no seriado "Arquivo X": "A verdade está lá fora" e é obrigação do profissional de imprensa levar isso ao seus leitores e, às vezes, eleitores.

Viva a ingenuidade de poder acreditar em um futuro melhor!!!

NOTÍCIAS PARA OS PROFISSIONAIS DE IMPRESA

Antares / da Redação

Kassab quer desapropriar o Jockey Clube de São Paulo

O prefeito Gilberto Kassab (DEM) confirmou que já está em estudo a desapropriação do Jockey Clube de São Paulo, no Morumbi (zona oeste de São Paulo), com o objetivo de criar um parque aberto à população. O Jockey ocupa uma área de 593,6 mil m² em local nobre da cidade e a prefeitura estima o valor venal do imóvel em R\$ 306,2 milhões. A ideia foi levada ao prefeito pelo secretário de Governo, Clóvis Carvalho. Kassab entregou o caso ao secretário de Negócios Jurídicos, o ex-governador Claudio Lembo, para análise.

Prisão especial para portadores de diploma universitário pode acabar

A prisão especial para pessoas que possuem diploma de nível superior pode acabar. Segundo proposta da comissão de reforma do Código de Processo Penal, criada no Senado Federal com o objetivo de reunir juristas para a elaboração de um novo texto que dê efetividade ao sistema penal brasileiro. O fim da prisão especial, no entanto, não valerá para autoridades.

Para a maioria dos membros da comissão, não há justificativa constitucional para que as pessoas com diploma universitário tenham a garantia do benefício da prisão especial, que iria contra o princípio da igualdade.

STF pode mudar de opinião e julgar Battisti

O decano do STF (Supremo Tribunal Federal), Celso de Mello, afirmou que não haverá incoerência se o tribunal mudar a sua jurisprudência e decidir julgar a extradição do extremista italiano Cesare Battisti, apesar de ele ter obtido refúgio graças a uma decisão do ministro da Justiça, Tarso Genro. Tal fato é contrário ao que determina a atual jurisprudência sobre o assunto que é totalmente favorável a Battisti: em 2007, a corte concluiu que a concessão do refúgio impedia o julgamento da extradição.

Mais uma má notícia para os ex-trabalhadores da VARIG

De acordo com decisão do presidente do STJ (Superior Tribunal de Justiça), ministro Cesar A. Rocha, que acolheu pedido da Gol e determinou que o Juizado Especial Cível e Defesa do Consumidor de Juazeiro, na Bahia, suspenda uma execução em andamento contra a Varig e devolvendo à companhia aérea Gol valores que foram bloqueados e depois transferidos para uma conta judicial. A questão se relaciona com um conflito de competência já julgado pelo tribunal.

Eleições na API - O voto é democrático

Todos os associados poderão votar independentemente da quitação de anuidades.

Associado compareça e vote. É seu direito escolher os destinos da API- 30 de Março de 2009 - Eleições na Casa do Jornalista de São Paulo



**Jornal da Imprensa Paulista****PUBLICAÇÃO PARA A ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE IMPRENSA**A CASA DO JORNALISTA DE SÃO PAULO
DESDE 1933Entidade fundadora do Sindicato dos Jornalistas
Profissionais do Est. de S. PauloRua Álvares Machado, 22 3º Andar - Fones
(11) 3242-4004 / 31043510 - www.api.org.br -
redação@jornalimprensapaulista.com.br**Colégio Editorial de****Jornalistas Responsáveis:**(composto por decanos dos jornalistas
profissionais de São Paulo)**Afonso Luciano Durand, Adolfo Leme Gilioli,
José Maria Cabral, Antonio Salazar, Genésio
Cândido Pereira Filho.****Diretor Responsável e Editor:**

Costa Carregosa

carregosa@jornalimprensapaulista.com.br

Editora Assistente

Jornalista Rosa Maria Custódio

rnc.editora@jornalimprensapaulista.com.br

Arte e Diagramação

Bira Câmara

Produção:Produção da Antares Comunicações
desenvolvida para a Associação Paulista de
Imprensa**Digitalização auxiliar :**

Marlene C. Carregosa

SERVICOS DA JBO:**Assistente :**

Jornalista Daniela Espósito

Fotografia:

Marco Zellmeister

SERVICOS DA API

Auxiliar: Wagner Reis

Diretoria da API

Presidente: J.B.Oliveira

1º Secretário: Eduardo Monteiro

2º Secretário: Walter Augusto Ruas

1º Tesoureiro: Edilton Correia Lopes (in memoriam)

2º Tesoureiro: Ivan Marquês Cajai

Diretor Jurídico: Osvaldo Caron

Diretor do Patrimônio:

José Augusto Viana Neto

Diretor Cultural:

Benedicto Pereira Cortez

Diretor de Marketing e Comunicação:

Espedito Figueiredo Rillo

CONSELHO DELIBERATIVO

Adolfo Leme Gilioli

Afonso Luciano Durand

Manoel Rodrigues Ferreira

José Maria Cabral

Romeu Agneli (in memoriam)

CONSELHO FISCAL

Antonio Salazar

Wilson de Oliveira Jasa

Domingos José Antunes

SUPLENTES – CONSELHO FISCAL

João Álvares e Israel Marques Cajai

Assessores Especiais Junto à Presidência

Frances de Azevedo, William Domingos

Siniscalchi, Vergílio Roveda, Maria Nazareth

Doria, Richard Chaves, Ricardo Jacob, Eduardo

Monteiro, Cosme A. Felix e Bira Câmara

Fotos desta edição :

Agencia Senado, Agencia Brasil

Agencia Câmara, Antares, JBO

**As matérias assinadas são de total e exclusiva
responsabilidade de seus autores não represen-
tando a opinião do jornal, seu editor ou da
Associação Paulista de Imprensa.**Reprodução e Copy permitidas desde que com citação da
fonte e prévio conhecimento do autor da matéria por internem-
dio de carta ou e-mail dirigida à API.

Gráfica: Gazeta de São Paulo - Tel. (11) 6954-6218

Tiragem: 7.000 exemplares

**Cartas a Caminha****CARTAS AO ESCRIVÃO MÓR**

Costa Carregosa



É, meu Caro Caminha, as coisas estão realmente mudando por estas bandas. Aliás, não sei se é só por estas bandas, porque pelo que vejo em terras de El Rey, as coisas também não são mais as mesmas. Já te falei que depois que inventaram um tal de *politicamente correto* o que era correto virou incorreto e o que era incorreto virou correto. Se vivesses nesta época, com certeza estarias preso, posto a ferros, como se dizia em teu tempo. Pois cá já não se pode mais falar dos costumes, por exemplo. Como dissestes em tuas primeiras correspondências a El Rey, falando dos habitantes que não escondiam suas vergonhas e muito menos as partes pudendas. Depois que inventaram o tal de *politicamente correto* fazem questão de mostrar até o que fazem com as tais “partes pudendas”, sem qualquer vergonha. Não se pode fazer qualquer comentário sobre gentios da malta, que, mesmo nascidos como machos, tenham gosto por outros machos, em lugar de fêmeas. Corre-se o risco de prisão, porque, agora, *politicamente correto* é aceitar que machos de *nascença*, mas não por opção andem acasalados e fêmeas que não gostem de machos se enrosquem entre elas. Acho que isso não tinha no teu tempo, né, Caminha? Fico imaginando o que diria o bom Cabral se pudesse descobrir, por exemplo, que o tal de *politicamente correto* permite também que alguém que roubou ou lesou o populacho, mas só foi condenado pelos tribunais nas instâncias iniciais, possa ser candidato a ocupar cargos públicos e eletivos enquanto não for condenado nas instâncias superiores.

Mas, enquanto vamos engolindo o *politicamente correto*, vou te informando que Dom Lula, nosso mui amado Imperador continua aumentando seu prestígio junto à malta. Na administração do Império, Dom Mantega continua escorregando, A Marquesa Dna. Dilma continua governando, Dom Dirceu continua esquematizando, enquanto que Dom Serra, na Capitania de São Paulo, arrumou emprego para Dom Alckmin, o qual decerto

devia estar tentado a entrar definitivamente para um Mosteiro, coisa para o qual demonstrou nas últimas eleições ter irresistível vocação. Como já te disse, Dom Serra é hábil planejador e, como pretende conquistar o Império, deve estar tentado a oferecer também alguma oportunidade para Dom Aécio, que, como todo bom mineiro, fica na moita esperando ver o que acontece. Já Dom Cabral do Rio de Janeiro, a exemplo de cego em tiroiteio, continua sem saber o que fazer para resolver o problema de segurança que transformou a cidade maravilhosa na maravilha do banditismo.

Igual aos antigos Senadores Romanos, Dom Sarney, senhor e criador de uns tais *marimbondos de fogo*, que vivem num dos mais atrasados estados brasileiros, volta a comandar o Senado prometendo reduzir as mordomias de seus pares e de toda casa. Logo ele que, quando esteve a frente do Império, foi extremamente pródigo em benesses e concessões ao Senado e Câmara Federal. Para fazer par com Dom Sarney, na Câmara elegeram-se Dom Michel Temer. **O que nada teme!** Aquele mesmo que, já te informei, foi eleito em duas vezes anteriores prometendo, estranhamente, combater o tal de fisiologismo que dizem à boca pequena (ou grande) ser ele um dos maiores especialistas. É, Caminha, é a volta oficial do Partido PMDB ao poder, algo parecido com o título do filme “A volta dos que não foram”, pois este partido meu Caro nunca saiu do governo, sempre se safando acomodado em todas as situações.

Mas estava te falando do *politicamente correto*. E não é que o Corinthians, time de maior prestígio junto a malta, acabou contraindo o Fenômeno? Isso mesmo, o jogador brasileiro Ronaldo, aquele que já brilhou em toda Europa e agora vem alegrar a vida do povão, mas que, segundo os críticos seguidores do *politicamente correto*, não costuma primar pela correção de suas políticas. Pois não é que tais *críticos* (muitos talvez por não

pertencerem a malta corinthiana ou até por disfarçarem suas atitudes incorretas) andam a espionar o moço para saber o que ele faz depois do trabalho. Acabaram descobrindo que o Fenômeno tem um gosto acentuado por mulheres (fêmeas mesmo, sabe Caminha? Aliás, na vez em que se meteu com mulheres que não eram fêmeas, se deu muito mal. E, dizem as más, ou boas línguas, que foi em razão disso que acabou vindo para o... (Ops! isto não é *politicamente correto*, diz nossa Censuradura). Depois dos treinos costuma aliviar suas tensões com as moças do belo sexo como dizem os apaixonados pelas boas formas femininas (não os que desenharam e criaram modelitos para justamente esconder essas formas - uns tais *estilistas politicamente corretos*). Pois é, andam a espioná-lo, dão publicidade, comentam e condenam seus momentos de descontração, alegando que o jogador tem que dar exemplo público de atitudes *politicamente corretas*.

Não entendo, Caminha: Querem o quê: que ele procure Machos? A exemplo dos antigos gladiadores, os jogadores de futebol (com exceção do futebol feminino) já tem que conviver e disputar com machos o tempo todo, e ainda querem que para relaxar ele procure outros machos?

Fica difícil entender né Caminha? Mas, num País onde, alegando direitos humanos se decide que ninguém, mesmo quem seja réu confesso, pode ser colocado sob prisão enquanto não esgotar todos os recursos às instâncias superiores, tudo é possível, né Caminha? Afinal, se esta terra que “descobristes” junto com Cabral, divide com Serra Leoa e a Nigéria a primazia mundial da má distribuição de renda, exporta commodities, tem mais de 55 mil brasileiros morrendo assassinados todo ano, aonde somente 5% ganham acima de 800 reais por mês, e os ricos se fartam nos banquetes governamentais, enquanto os pobres se esbaldam com as esmolas, dizer o que mais?

Acho que seria *politicamente correto* não dizer nada, né Caminha?

Até a próxima...

NOTÍCIAS PARA OS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA / Antares / da Redação**Bens da VASP estão sendo preparados para leilão público**

Os imóveis da Vasp estão sendo preparados para serem levados a leilão. A empresa teve sua falência decretada em setembro do ano passado por não ter cumprido o processo de recuperação judicial iniciado em 2005. Entre os bens que devem ser vendidos está o edifício-sede da empresa no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, cujo valor no laudo é de R\$ 89,3 milhões. No total, 49 imóveis - que somam cerca de R\$ 200 milhões, em valores de 2005, segundo a avaliação feita pela Vasp - estão sendo preparados para a venda.

Entretanto, a dívida da empresa é estimada em R\$ 3,5 bilhões e, dificilmente, os valores obtidos em leilão servirão para pagar direitos trabalhistas.

Lei de Imprensa começa a ser discutida

Jornalistas cariocas, através de editorial publicado no *Jornal do Brasil*, discutem a Lei de Imprensa vigente e sua necessidade de atualização. Comenta-se a suspensão feita pelo STF (Supremo Tribunal Federal) de 22 artigos da antiga Lei de Imprensa, o que corrobora a necessidade de modernizar a legislação. O texto ainda discute o Projeto de Lei 382/2008, do Senado, que revoga a norma existente e propõe uma nova Lei de Imprensa.

Igreja abre 96 processos contra jornalistas e perde em 87...

A Justiça brasileira tem decidido de maneira contrária à estratégia usada pela Iurd (Igreja Universal do Reino de Deus) para tentar intimidar a imprensa. A Igreja ajuizou centenas de ações individuais de fiéis contra os responsáveis pela divulgação da notícia. De 96 processos abertos por fiéis da Universal contra a Rede Globo, por causa de uma edição do programa “Linha Direta” sobre o assassinato de um jovem - crime que envolveu três pastores da Universal - 87 já tiveram sentenças favoráveis à emissora de TV.

10 anos de LDB

*Paulo Nathanael Pereira de Souza

Acabo de ler o livro “10 anos de LDB”, que traz a assinatura de um dos maiores especialistas da educação brasileira e, para meu deleite, um dos melhores amigos que já fiz na vida: o Arnaldo Niskier. Dele não preciso dizer nada, pois seus trabalhos e sua popularidade entre os educadores falam com mais propriedade a seu respeito do que mil adjetivos que eu pudesse aqui alinhar. O certo é que sempre vale a pena ler um livro que traga a sua assinatura. Desta vez, o tema foi a decenária LDB (Lei de Diretrizes e Bases), de 1996, e que ainda está em plena vigência, não obstante as catorze emendas, que, como silicones no corpo feminino, lhe injetaram por todo o texto. E a tese do Arnaldo é clara e irresponsável: o que terá melhorado na educação brasileira com a sua implantação? Quase nada, diz ele, arrolando aspectos diversos de medidas tomadas nestes 10 anos, que fizeram agravar-se o estado da arte da crise, na qual nossas escolas estão mergulhadas. Eu que sou mais malcriado diria que nada melhorou e, mais do que isso, houve piores lamentáveis, que vão dessa malfadada progressão por ciclos, que virou promoção automática para efeitos estatísticos, sem que o aluno aprenda coisa alguma (razão de as escolas fundamentais se terem convertido em fábricas de analfabetos funcionais), até a falta de identidade do ensino médio, que não consegue encontrar a adequada proporcionalidade entre ensino geral e educação para o trabalho, em prejuízo de milhões de jovens que por ele passam. E o que falar desse ensino superior que multiplicou suas vagas em mais de 400% nos últimos anos, sobretudo na área privada, e, hoje, arca com uma brutal ociosidade de matrículas, acompanhada do baixo nível de ensino, por não haver receita para pagar bem os professores, sobretudo, os mestres e doutores?



Por essas e outras, não há motivos maiores para festejar o aniversário da LDB. Contudo, não se pode culpar apenas a lei, que, a bem da verdade, reúne um conjunto de princípios, diretrizes e mudanças direcionadas para um país do futuro (ai, Stefan Zweig!), e tão bem textualizados pelo saudoso Darcy Ribeiro, no Senado da República. Leis, temo-las em demasia – e algumas até que bastante boas –; o que não temos é capacidade para cumpri-las dentro das intenções dos legisladores, que lhes deram forma e promulgação. Muitas delas, fabricadas em gabinetes fechados e aprovadas sem a necessária discussão daqueles que deverão cumpri-las, nunca deixam as páginas do Diário Oficial para chegar às salas de aula. São textos natimortos, como quase todas as reformas de ensino carpintejadas neste país. Ora é a burocracia dos sistemas, que as matam por inação, ora são ministros e secretários de Estado a ignorá-las, ou porque delas discordam, ou porque a seu pé não se lê sua assinatura; ora é o próprio professor, que não vê motivo para implementá-las, ou porque não foi preparado para entendê-las, ou porque, na rotina em que executa o seu dia a dia, não se mobiliza para inventar novidades... Vai daí que a lei diz uma coisa e as escolas fazem outra. E muitas vezes, nem o que a lei diz, nem o que a escola faz coincide com o que a realidade reclama e o aluno necessita!

A sociedade brasileira deposita uma crença demasiada infantil nas possibilidades de mudança via lei. Por isso disse alguém ser este um país de bacharéis. De fato, a lei pode ajudar a resolver um problema, mas não é por si só, uma alavanca que mova o mundo. Mister se faz, para legitimar a lei, que ela venha ao encontro de necessidades bem definidas, e não agrida a cultura vigente na sociedade. Nem sempre é o que ocorre entre nós, onde abundam leis e faltam soluções.

Outro ponto interessante dessa matéria foi bem acentuada pelo autor da obra sobre a LDB: apesar de completar um decênio de vida, grande parte dessa lei, ou não foi aplicada ou sofreu do mal de uma insuficiente aplicação. E já se fala nos arraiais do governo em editar (sim, porque esse tipo de lei entre nós se editam em vez de serem aprovadas por discussões e consensos) uma outra reforma, da qual Deus nos livre se vier na forma em que foi anunciada, há um ou dois anos! Para superar a crise que ora destrói a produtividade educativa das nossas escolas, não precisamos de novas leis, mas sim, do cumprimento inteligente e eficaz das que aí estão, sobretudo a de nº. 9394/96, conhecida como LDB. E ponto final, com meus cumprimentos ao Arnaldo, que fez uma obra digna de ser lida e levada a sério por todos os educadores e “policy-makers” da educação neste país.

* Doutor em educação, presidente do Conselho de Administração do CIEE
(e-mail: imprensa@ciee.org.br)

Adote estagiários e aprendizes

Investimento produtivo

Chame o CIEE

Instituição Filantrópica e de Assistência Social

Tel.: (11) 3046-8222 Fax: (11) 3040-9955 www.ciee.org.br